

P702



RENOVACÃO

NÚMERO ESPECIAL SOBRE O 1.º CONGRESSO DE POESIA DO RECIFE

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO REGO MONTEIRO

SUMÁRIO

Notas sobre o Primeiro Congresso de Poesia do Recife. — Considerações sobre o poeta dormindo, João Cabral de Melo Neto. — Notas sobre o fenômeno poético, Otávio de Freitas Júnior. — Homenagem a Rimbaud, Willy Lewin. — Benedito, o que era poeta..., Benedito Coutinho da Silveira. — Propriedades gerais do subsolo poético e as inculturas fecundas, Lédo Ivo. — O fim do mundo, Antônio Rangel Bandeira. — O pássaro, Cláudio Tuiuti Tavares. — Allegro Molto Vivace, Gastão Bittencourt de Holanda. — Notas sobre a poesia de Vicente do Rego Monteiro, Luis da Câmara Cascudo, Bernanos, Silvino Lopes, Aluizio Medeiros. — Leão XIII e a Encyclopaedia Rerum Novarum, Arnóbio Tenório Vanderlei. — Poemas de Antônio Girão Barroso. — A criação do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado, Luis de Magalhães Mello. — As pernas daquela moça..., conto de Hermilo Borba Filho. — Um intérprete amargo do Romantismo, Mário Pessoa.

Redação:

RUA DO BOM JESUS, 207 — 2.º
RECIFE



USINA MASSAUASSÚ

A Usina Massauassú Dispende anualmente,
com Assistência Social :

30:000\$000, para os desamparados
35:000\$000, para assistência farmacêutica,
médica e dentária

Os operários têm gratuitamente, casa com saneamento, água encanada e luz elétrica.

A Usina Massauassú justifica, assim, o bom nome de Pernambuco, vanguardista das grandes iniciativas de Justiça Social.

IMPORTAÇÃO

RENÉ HAUSHEER & CIA.

EXPORTAÇÃO

TECIDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

End. Tele. : "RENE"
Códigos : RIBEIRO - A. B. C. 5 th. Ed.
BENTLEY'S - MASCOTE 1.^a e 2.^a

Matriz :

R. Imperador Pedro II, n.^o 542
RECIFE

PERNAMBUCO

Filiais em

JOÃO PESSOA (Paraíba do Norte) e
MACEIÓ (Alagoas)

"CORTUME SANTA MARIA"

PEIXINHOS — OLINDA — PERNAMBUCO
BRASIL

ANDRADE IRMÃOS

Produtores de Verniz, Búfalo, Vaquetas, Couros e Tanino, Nacos, Pelicas, Mestiços e Camurças, Sólas, Raspas Envernizadas, Tingidas, Estampadas, Grosas para Soldados e Engraxádos etc.

Depósito à
Rua Direita, 12 — Caixa Postal, 641 RECIFE

FÁBRICA E ESCRITÓRIO :

Praça dos Peixinhos, 250 — Olinda

Teleg. : — "MANDRADE"

Telefones : { Fab. e Esc. : 28.263 Depósito : 8.325 Códigos : { Mascote, Borges e Particulares

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Rua General Camara, 240 - Cx. 1.971

END. TEL. : — "KIVAN"

Depósito em Porto Alegre :

RUA URUGUAI, 19

AGÊNCIA NOS DEMAIS ESTADOS

Usina Nossa Senhora das Maravilhas

Propriedade da Companhia Açucareira de Goiana

Produção: 150.000 sacos de açúcar e 1.500.000 litros de álcool

Endereço Telegráfico: PERILO

GOIANA - PERNAMBUCO - BRASIL

EXPEDIENTE

RENOVACAO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL
PROLETÁRIA

Direção de
EDGAR FERNANDES e VICENTE
DO REGO MONTEIRO

Redação:
Rua do Boni Jesus, N.º 207 - 2.º
Recife - Pernambuco

NUMERO AVULSO 1\$000
NÚMERO ATRAZADO 2\$000

Assinatura para 24 números

NA CAPITAL 30\$000
NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adianta-
damente.

Os originais literários enviados à
RENOVACAO não serão devolvidos
ainda que não publicados

São nossos correspondentes:

Ademar Vidal — Rua das Trin-
cheiras, 554, João Pessoa, Paraíba.
José Vieira Coelho — Rua D. Ge-
raldo, 52, Rio de Janeiro. Dalmo
Belfort de Matos — Rua Desem-
bargador Valle, 453, São Paulo.
Lêdo Ivo — Rua Nova 77, Maceió,
Alagoas. Luis da Câmara Cascudo —
Rua da Conceição, 564, Natal,
Rio Grande do Norte. Aluizio Me-
deiros — Rua Dr. José Lourenço,
Aldeota, Fortaleza, Ceará

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Várzea do Assú, M. Rodrigues
de Melo, Edição dos Cadernos, São
Paulo.

Revista Jeveriana, n.º 74, de
Março de 1941, Bogotá, Colômbia.

Revista Contemporânea, Mensário
dos novos do Brasil, n.º de Mar-
ço de 1941, Fortaleza, Ceará.

Estudos, n.º 2, Janeiro 1941,
Fortaleza, Ceará.

Serviço Social, Ns. 26-26, Jan-
Fev., 1941, São Paulo.

Mensaje, órgão da Biblioteca Na-
cional, Ns. 10-11, Quito, Equador.

Curitiba - Cidade de Turismo,
Movimento da Biblioteca Púbiica
de Curitiba, Paraná.

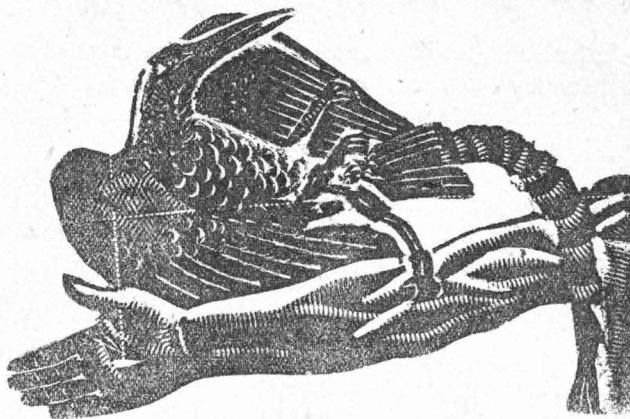
PUBLICAREMOS NO PRÓXIMO NÚMERO

Poemas de Mathos de Lima, de
João Cabral de Melo Neto, de
Willy Lewin, de Otacilio Colares,
de Aluizio Medeiros, de Antônio
Rangel Bandeira de Cláudio Tuiuti
Tavares e de Lêdo Ivo.

Capítulo de um romance, Dois
poetas, Cleodon Fonseca. — "Por-
tugal e Brasil de D. João VI". Sa-
nha de Vasconcelos. — Letras es-
trangeiras, Guerra de Holanda. —
Baía, Ascenso Ferreira. — O Rato
Vermelho Ademar Vidal.

Téses apresentadas ao Congres-
so de Poesia de Recife: Mobiliário,
Interior da Poesia, Vicente do
Rego Monteiro. — Continuação de
Propriedades gerais do subsolo
Poético e as inculturas fecundas,
Lêdo Ivo.

GRAVURA DE MONTEIRO (V. DO R.)



O P Á S S A R O

CLÁUDIO TUIUTI TAVARES

(Poema apresentado ao Primeiro Congresso de Poesia do Recife)

É necessário que não deixemos que o pássaro morra.
São contra élê todas as cogitações e imprevistos e conspirações
e o pássaro está indefeso
e precisa em tudo de vós-outros, ó poetas, que sois os únicos que o po-
deis auxiliar.

É necessário que o pássaro viva
para que nós possamos viver com él e para él
e tão pouco devemos consentir que lance suas azas para o oriente
pois poderia ser atingido pelos projéteis dos olhares matadores
e mesmo o pássaro é-nos o invulnerável alento de vida.
Vamos formar logo, ó poetas, com as nossas próprias fôrças
a útil campanha pró-vida perpétua do pássaro!
O pássaro está triste? Suguemo-lhe a tristeza e a transformemos em
tristeza nossas;
está cansado? Suguemo-lhe o cansaço e o transformemos em cansaço
noso;
está fraco? Suguemo-lhe a fraqueza e a transformemos em fraqueza
nossa;
está nojento? Limpemo-lhe o nojô e o transformemos em nojô nosso,
mas não deixemos que élê morra, ó místicos poetas!
O pássaro precisa de sangue sadio e forte
e é de-mistér que pratiquemos o holocausto dalgum poeta.
Haverá então o belo sorteio da morte entre os inúmeros poetas do uni-
verso.

O pássaro precisa de sangue e demos sangue nosso ao pássaro;
precisa de juventude e demos a nossa juventude ao pássaro
embora sabendo nós que iremos morrer muito cêdo, muito cêdo;
precisa de agilidade nas suas asas e demos a agilidade dos nossos mem-
bros ao pássaro;
precisa de sentimento, pensamento, palavras e demos sentimento, pen-
samento e palavras nossas ao pássaro;
mas não deixemos que élê morra, ó místicos poetas!
não deixemos que lhe falte tudo isso,
porque assim deficiente não poderia nos resguardar a todos
das tempestades que se abatem pelas estradas;
não nos diria as suas eloquentes palavras de conselho e sabedoria;
não nos transportaria a países fabulosos
onde nos fará sentir os diversos mistérios da grande poesia.
Não deixemos, ó vós-outros poetas, que morra o pássaro!
Não deixemos em absoluto, não deixemos absolutamente.

P R I M E I R O C O N G R E S S O D E P O E S I A D O R E C I F E

Pode-se afirmar, sem otimismo exagerado, que no decorrer das sessões até agora realizadas, o 1.º Congresso de Poesia do Recife vem, pouco a pouco, conseguindo definir o seu verdadeiro espírito.

Não seria de esperar, certamente, que todos os trabalhos apresentados se mantivessem num idêntico plano.

Alguns, talvez, se afastaram de uma certa e desejada atitude, não porque os seus autores fossem menos inteligentes ou menos poetas — vários desses trabalhos exibindo mesmo invulgares qualidades literárias — mas porque se orientaram de preferência para o terreno da "blague" sem outras finalidades.

Não que o espírito de "humour" não fosse, sob um certo modo, desejado pelo Congresso — sendo, como é, o "humour" uma das atitudes de não conformismo diante do mundo burguês e medíocre que o poeta pode e deve tomar, dignamente. Mas a simples "blague" pela "blague", com todos os seus impuros "brilhos" e "joias", denuncia, ao nosso vêr, um espírito esse sim recuado no tempo, trazendo um pouco aos nossos ouvidos velhos écos marinianos.

Aventuramo-nos a essas considerações porque uma das acusações mais sérias que se fizeram ao Congresso foi justamente a de considerá-lo uma iniciativa de intenções puramente "modernistas". "Tentativa de resurreição 'surréaliste' aqui chegada com muitos anos de atraço", julgaram algumas pessoas das mais lúcidas e dignas, sob incontáveis aspectos intelectuais e morais, do nosso respeito e da nossa admiração.

Crêmos, porém, que essas pessoas só tiveram olhos para a "extravagância" aparente de alguns títulos publicados — pelo "surréalisme" formal, digamos assim, de alguns assuntos debatidos ou de alguns poemas apresentados.

Os responsáveis pela realização do 1.º Congresso de Poesia declaram e esclarecem que não lhes interessa aplicar o "surréalisme" como escola, como atividade de um grupo que na França criou um movimento, há pouco mais de dez anos, e insiste em mantê-lo com a sua ortodoxia integral, que, aliás, foi pouco a pouco abandonando o seu primitivo aspecto de sondagem poética para assumir outros desagradávelmente doutrinários de "solução total" — política, social, filosófica, etc.

O que não se pode, porém, obscurecer, sem grave injustiça, é a incontestável lição de poesia que o "surrealisme" recebeu de outros e ampliou no mundo. Essa perdurará, sob muitos aspectos, sobretudo sob aquele que mais repugna aos espíritos excessivamente "cri-

ticos" e "lógicos": o seu denso mistério, a sua distorsão angustiosa, a sua atmosfera de sonho e de "outro mundo", que no dizer de Marcel Raymond nos anuncia, às vezes "a iminência de um acontecimento metafísico".

Sob esse ângulo, aceitamos a luva do desafio e como estamos longe de temer as "classificações" em que, porventura, nos queiram encerrar, não brigaremos com pessoa alguma que nos considere, candidamente ou à falta de melhor palavra, "surréalistes". Seremos, pois, "surréalistes" como o foram Lautréamont, Blake, Baudelaire, Rimbaud, Edgar Poe, inúmeros gravadores ou pintores da idade média, os arquitetos e decoradores italianos do "Settecento" com as suas fabulosas construções fantasistas e os seus oníricos interiores "trompe l'oeil".

Esse espírito, essa atenção, essa vigilância, esse amor ao mistério e à poesia, sob todas as suas máscaras mais ou menos iluminadas, o Congresso tem conseguido manter e não duvidamos da sua fecundidade.

TELEGRAMAS ENVIADOS A JOÃO CABRAL DE MELO NETO E A OTÁVIO DE FREITAS JÚNIOR

JOÃO CABRAL DE MELO NETO.
158, FERNANDES VIEIRA.
RECIFE.

AGRADEÇO PENHORADO SEU CONVITE. ATUALMENTE NÃO DISPONHO TEXTO INÉDITO QUE PUDESSE INTERESSAR AO CONGRESSO. PEÇO-LHE ASSIM EXCUSAR AUSÊNCIA MINHA COLABORAÇÃO. ACREDITANDO ENTRETANTO NA SIMPATIA COM QUE ACOMPANHO TÔDA AFIRMAÇÃO VALORES DO ESPÍRITO NO DIFÍCIL MOMENTO PRESENTE.

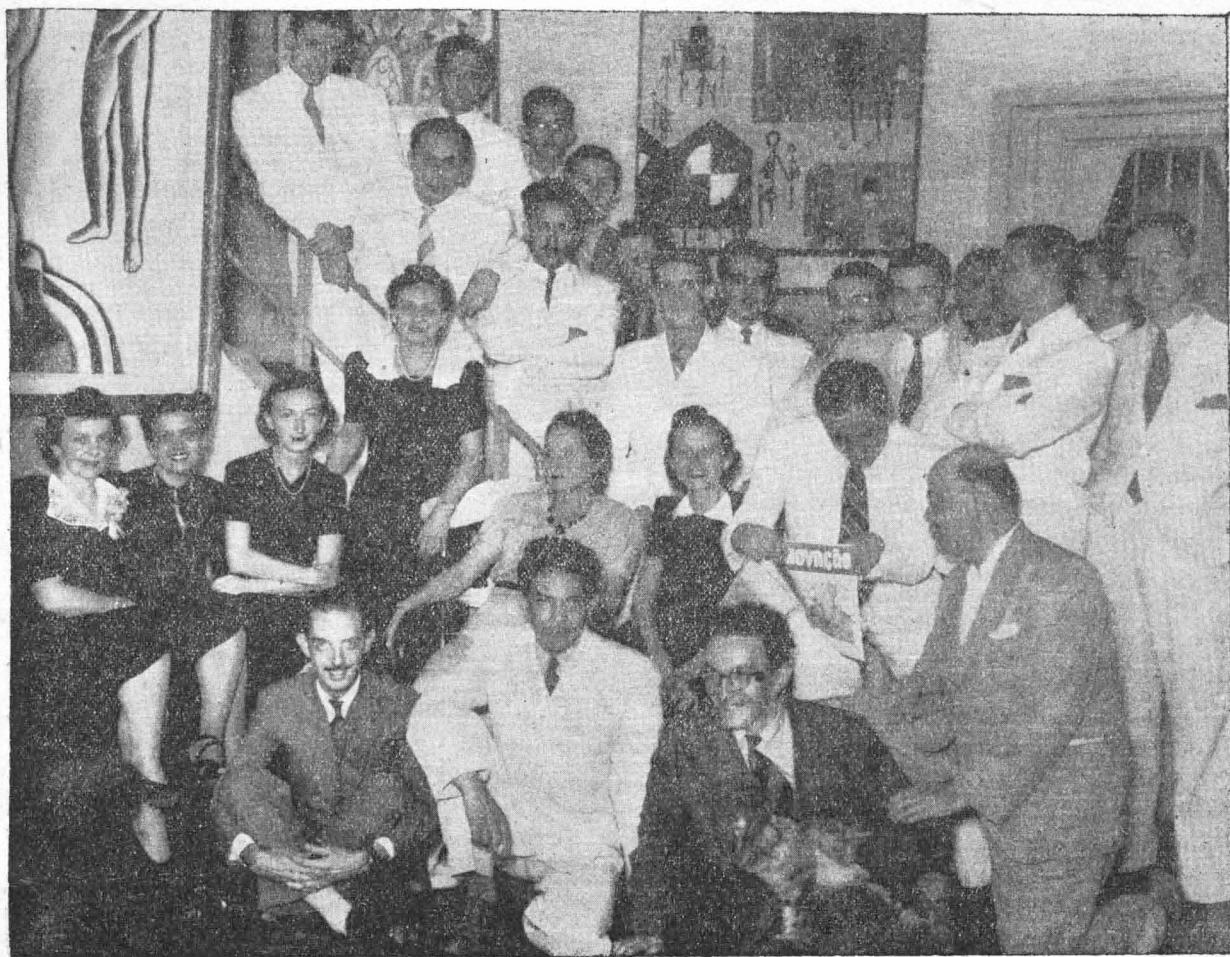
CORDIAL VISITA.

CARLOS DRUMMOND ANDRADE

OTAVIO FREITAS JUNIOR
RUA DOM BOSCO, 779.
RECIFE.

NOSSA PARTE CONFRATERNISAMOS CONGRESSO
POESIA FRISANDO TODOS TEMPOS SÃO OPORTUNOS.

JORGE DE LIMA
MURILO MENDES



Flagrante apanhado na reunião preparatória do Congresso de Poesia

(Foto "Diário de Pernambuco")

Reuniu-se, hontem, ás 20 horas, na residencia do poeta Vicente do Rego Monteiro, em sessão preparatoria, o 1.º Congresso de Poesia do Recife.

Compareceram as sras. Rego Monteiro, Willy Lewin; srsas. Lucia e Alba Lewin, Noemia Gomes de Matos, Carmen Pinto; srs. Gilberto Osorio de Andrade, Willy Lewin, José Otavio de Freitas Junior, Caio de Souza Leão, Silvino Lopes, Carlos Cunha, Antonio Rangel Torres Bandeira, José Guimarães de Araujo, Arnaldo Miranda, Murilo Marroquim, Americo Torres Bandeira, Dilsio Leal, Claudio Tuiuti Tavares, Lauria, Breno Acioly, Newton Sicupira, Haydn Goulart, Benedito Coutinho Silveira, Guerra de Holland, Silvino Lira, Luís Pandolfi, Laurenio Lima, Gastão Bitencourt de Holland.

Iniciando a reunião o poeta Rego Monteiro pronunciou algumas palavras alusivas ao ato, procurando esclarecer o

carater singular do Congresso, que não perseguia nenhum dos fins que geralmente têm em vista os congressos.

A seguir, falaram os srs. Willy Lewin, Guerra de Holland, Antonio Rangel Bandeira, Silvino Lopes, Vicente do Rego Monteiro, Gilberto Osorio de Andrade, Newton Sicupira e Silvino Lira. Varias teses foram apresentadas, bem como comunicações, havendo debates em torno dos assuntos expostos.

Foi unanimemente aprovado um voto de louvor ao film *Do mundo nada se leva*.

Nos salões onde se reuniu o 1.º Congresso de Poesia do Recife, em homenagem ao pintor-poeta que foi JOAQUIM do Rego Monteiro, inaugurou-se uma exposição retrospectiva de suas obras.

(«Diario de Pernambuco», Recife, 25|4|41).

NOTAS Sobre o 1.º CONGRESSO DE POESIA DO RECIFE

O CONGRESSO DE POESIA

Pode realmente parecer estranho, mas a verdade é que a investida alemã nos Balkans e a guerra na África estão encontrando um concorrente de primeira ordem nos comentários da cidade: o congresso da poesia, cuja realização terá início na segunda quinzena deste mês.

A repercussão dêste movimento orientado pelo pintor Vicente do Rego Monteiro envolve hoje o país inteiro, donde chegam adesões cheias de simpatia e compreensão e também comentários da imprensa e falta de confiança. Acham, alguns observadores, inoportunas e improdutivas as discussões em torno de assuntos tão íntimos e distantes daqueles que absorvem, no momento, as atenções internacionais.

Essas divergências naturalmente contribuem para estabelecer o ponto de apoio e equilíbrio do congresso, mas resalta logo, da parte negativa, um erro psicológico assinalável até mesmo pelas criaturas mais simples. Si não somos nem pretendemos ser beligerantes, por que acompanhar a marcha dêles tão de perto, a ponto de renunciar aos nossos ideais e sonhos mais caros?

Além de reunir poetas, pintores e músicos brasileiros para entendimentos que somente poderão ser benéficos à Arte, de modo impessoal, familiarizando-a ainda mais com os seus cultores e realizando implicitamente a aproximação entre ambos de modo inverso, o Congresso da Poesia do Recife, aliás o primeiro de que há notícia na América, vai constituir uma das provas definitivas de nossa neutralidade. A tese não é falsa porque nele só poderão tomar parte os homens livres de qualquer agitação política, que conservem o espírito puro e aberto às belezas da vida e aos mistérios da poesia.

(O BRASIL HOJE — "Diário da Manhã", Recife, 10-4-41).

1.º CONGRESSO DE POESIA DO RECIFE

Promovido pela revista "RENOVAÇÃO" e com adesão dos elementos mais representativos da nova intelectualidade nordestina, realizar-se-á na segunda quinzena deste mês, o 1.º Congresso de Poesia do Recife.

As teses distribuídas por Vicente do Rego Monteiro, diretor daquela revista, estão destinadas a despertar o maior interesse nos meios culturais do Recife, e são as seguintes:

1.º — O naturalismo francês na poesia e a teoria do navio — Haydr Goulart.

2.º — O balão, a avião e as vias aéreas como elementos de subversão da poesia na paleolítica — Antonio Girão Barroso.

3.º — Parnaso e simbolismo ou as transformações das energias elétricas em fontes de sono — Guerra de Holanda.

4.º — A história do papel pintado e a poesia mural — Otacilio Colares.

5.º — Mobiliário interior da poesia, estilo e quadricromia — Vicente do Rego Monteiro.

6.º — Introdução à uma moral poética e os problemas da vida mística — Benedito Coutinho da Silveira.

7.º — Os estranhos suicídios pelos instrumentos de ótica e seus sucedaneos na poesia — João Cabral de Melo Neto.

8.º — Magnetismo e mecânica dos fluidos na constituição dos governos pela poesia descriptiva — Silvino Lira.

9.º — Paz econômica e a vida das células vegetais na poesia contemporânea do XIX.º século — Laercio Coutinho de Barros.

10.º — Transformação da energia elétrica em poesia permanente e a reorganização científica do trabalho — José Guimarães de Araujo.

11.º — A construção dos couraçados de bolso pela siderurgia ciné poética — Aluizio Medeiros.

12.º — Bars, Cafés, Restaurantes e Dancings e a poesia inteiramente em cônices — Amerído Torres Bandeira.

13.º — Propriedades gerais do subsolo poético e as inculturas fecundas — Lédo Ivo.

14.º — Torre Eiffel e a poesia decorativa da luminária moderna — Mateus de Lima

15.º — Materiais colorantes artificiais e suas aplicações nos noiturnos dos Engenhos do Nordeste — Joaquim Cardoso.

16.º — Vitrinas e instalações ao gás neon e a poesia utilitária — Gastão Bittencourt de Holanda.

17.º — Aparelhos e métodos de medidas para a poesia atmosférica, possibilidades e erros — Mario Souto Maior.

18.º — Atmosfera e previsão do tempo pelas cooperativas de Poesia — Claudio Tuituti Tavares.

19.º — A sala de jantar, o quarto de dormir, no tempo e no espaço e a poesia dos moveis sem estilo — Willy Lewin.

20.º — Urbanismo e poesia ao ar livre — Laurencio Lima.

21.º — Os fatos relativos, a multiplicidade, e a síntese na poesia moderna — Menelik Luna.

22.º — Revelações sobre as possibilidades do anjo bi-metálico na poesia centripeta e tangencial — Antonio Rangel Bandeira.

23.º — Os valores poéticos no equilíbrio orçamentário — Caio de Souza Leão.

("Diário da Manhã", Recife, 8-4-41).

CONGRESSO DE POESIA

Realiza-se, hoje, a primeira sessão preparatória do Congresso de Poesia.

Espiritualiza-se a nevoa do sonho de Vicente do Rego Monteiro. Fela primeira vez vai ser a poesia homenageada e num ambiente de alegria motorizada. Rimei.

Ha orelhas em pé e desconfiadas.

Ha orelhas em pé e desconfiadas.

Amanhã, provavelmente, cahirao no Santo Oficio os últimos alexandrinos.

Bravo! O Congresso está sendo para mim a campanha mais útil, mais humana, mais construtora dos nossos tempos.

Ha ancs uma covardia sem justificativa prende um punhado de homens nas grades dos decassilabos. As tonicas e as rimas foram mais nocivas á especie humana do que a calvice e os calos. Sim, porque homens sem nenhuma tendência para a arte tornavam-se poetas com a leitura dos maltratados tratados de metrificação.

Vá lá que o sujeito crie músculos com os compendios de ginástica suéca, mas criar talento com tratados...

De resto, passou o tempo da poesia corporal, da poesia anatômica, naquele feitiço de Luis Delfino, que começando pelos pés da musa ia até a cabeça, sem parar no percurso para um repouso, para respirar, pelo menos. Voava sem dar a mínima atenção aos acidentes. Nem vales, nem penhascos, nem grutas, nem nada.

Penso, entretanto, que a poesia sempre foi o que é: coisa feita, luzindo, vibrando, palpitando. Uma intenção. Da cõr do nosso espírito. Não despontou com os modernos que estes não são Colombos. Viveu no pranto de alguns desgraçados e no riso dos galhofeiros. Com Poe e com Aristofanes. Largou, porém, os punhos de renda, a espada e materia dos viscondes e dos lords. Mas não quiz permanecer no couro dos boêmios. Ela é sempre a mesma, mas os poetas são diferentes.

Encontro muito mais sensatez num homem que me fala numa visita à Lua do que naquele que me anuncia a sua proxima partida para Citera. E' melhor falar de um almoço de Sol com sôpa de es-

treelas, do que no Olimpico. A fonte de Castalia está putrida de lavar milhares de axilas. Chegamos á época da poesia sem sonho da imagem, sem imagens e, sobretudo, do respeito.

Não ha poeta moderno que, tarde da noite, muito tarde mesmo, aconselhe á namorada a não o apertar tanto contra o seio. E nem se sabe como um poeta que rugia pela libertação dos escravos não pudesse, de outro modo, quebrar as correntes de braços frageis. E a lua a bater em cheio na janela e ele a dizer: "vou embora, vou embora".

Por onde andava o pai dessa moça? Alguns espíritos retardatários queriam que só houvesse filhos de Casemiro, a dizer: "é moça, é bela, tens amor e eu medo".

Vejam como naquele tempo as moças já eram corajosas.

O que não ha nem nunca houve é poesia velha ou nova. Só o Congresso é novo mas não vem investir contra os pardieiros. Vem pedir aos demolidores que deixem em paz as suas bases. São relíquias. Não dão mais nada, não têm mais fogo, mas têm coragem.

Emfim, temos o Congresso.

(*"Diário da Manhã"* — Recife, 24-4-41).

SILVINO LOPES.

PRIMEIRA SESSÃO

Depois do Vicente falou Willy Lewin. Espalha-se a ponderação pela sala, mas naquele geito de ser ponderado sem cálculo. O silêncio dos presentes acelera o sentido do expositor e este o que quer é mais silêncio tomado-se este na acepção de seriedade, porque o Congresso não é uma blague, é coisa muito séria. Não teme que se arrebentem os diques do ridículo. E não foi preciso uma indagação para se ter a prova de que todos enfrentariam conscientemente o ridículo — arma do burguês ocupado sómente a pensar que a nossa época, isto é, o nosso espaço, é de maior amplitude em circulação de moedas, do que o do Renascimento e da Idade Média.

O Congresso se diverte com todas as atividades que possam parecer inativas: arte, ciência, literatura, teologia; com os novos e não os últimos alentos da humanidade.

Em cada rosto noto o desejo de que as razões da matemática não obriguem a uma rendição às imagens da metafísica. Tudo tem a visão real do Universo. Si Arquimedes desejou levantar a terra e transporta-la a outro ponto, nós tão poetas como Arquimedes podemos conceber a idéia de remover menores escombros. Sem a vontade de separar o erro da verdade, o verdadeiro do falso. Sem linha divisória entre as substâncias do corpo e do espírito. Queremos ser poetas até mesmo sem escrever versos, pois sómente assim marcaremos nossa distância dos que escrevem sabendo que não são escritores nem sabem escrever. Investigar o Universo, à maneira do poeta, não quer dizer interromper a sua marcha.

Logo, o Congresso não exige carteira de identidade, nem folha corrida. Pode-se penetrar no seu misterio com a fantasia e a máscara do parnasianismo. Pode-se decolar em Lecomte de Lisle e aterrizar em Raimundo Corrêa. Em caso de desastre, que desça o balão por sobre Casemiro de Abreu. E' livre o voo da Grecia á ilha do Leite. Entretanto, deve ser do programa do Congresso fazer reviver o Antonio Conselheiro para deter a onda que já vem dos Wisigodos; senão, adeus Arte. Morre o estilo. Por isto não foi dito a Silvino Lira; fale de André Gide, de Cocteau, e São Tomaz, quando o cujo ameaçou o Congresso com as diferenças anatomicas de Gustavo Le Bon. Depois viu-se o Silvino, já sem a Lira, transformar energia hidráulica em energia elétrica. Viva Verlaine! Viva a composição de folhas e botões de planta amarga-aromática!

Ausência de esquizofrenismo não quer dizer elogio a Kant.

Agora, 24 horas após á primeira sessão, estou ficando certo de que o Congresso de Poesia pode, já e, já, promover a paz na Europa. Sim, para que se não volte a dizer, "seu" Luis Delgado, que o Congresso nasceu do estalo de angústia em que nós debatemos, cheio de eus e duplos, por insinuação da guerra. Também devia caber ao Congresso a iniciativa de catalogar entre os armamentos valentes que垂ram lá no outro continente, a nossa "peixeira".

Lapso do Congresso por não ter mobilizado Mario Meio.

(*"Diário da Manhã"* — Recife, 26-4-41.)

SILVINO LOPES.

UMA OPINIÃO DO SR. MARIO MELO, SECRETÁRIO PERPÉTUO DO INSTITUTO HISTÓRICO, DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS E DA FEDERAÇÃO CARNAVALESCA, SÔBRE A PRIMEIRA REUNIÃO DO CONGRESSO DE POESIA DO RECIFE:

Ao regressar do Interior, li que se realizara a primeira reunião do Congresso-de-Poesia.

Sempre considerei esse Congresso de Poesia, a julgar por seus organizadores, pilharia de desocupados.

Suponhamos, por exemplo, que os charlatães, curandeiros, benzedores de espinhela caída, catimbozeiros, etc., se reunam para tratar de problemas de medicina, ou de higiene social. Poder-se-á chamar a isso Congresso de Medicina?

Ou que rábulas convoquem rábulas para tratar de questões de direito. Poder-se-á chamar a isso Congresso de Juristas?

Ou que os gamelas, os cartógrafos, os mestres-de-obra, os calceteiros, os cavoqueiros se aglomerem para tratar de assuntos de Engenharia e Arquitetura. Poder-se-á chamar a essa aglomeração de Congresso de Engenharia?

Ou que os quebra-queixos, os benzedores de dor dente se juntem, para falar de coisas relativas à Odontologia. Poder-se-á considerar Congresso de Odontologia?

Li a relação das pessoas que compareceram ao chamado Congresso de Poesia. Catei o nome dum poeta como se cata ouro na praia. Não vi nem um. Desafio a que m'os apontem dentre as pessoas que segundo a relação publicada pelos jornais, foram à casa do pintor Vicente do Rêgo Monteiro.

Não é poeta quem tal se presume, porém aquele que o público spontaneamente consagra.

É possível que haja comparecido algum ingênuo ou algum presunçoso que se julgue poeta. Mas poeta verdadeiro — e felizmente ainda os temos — não compareceu nenhum.

Concebo que teria sido aquilo reunião de charlatães da poesia, de rábulas de versos, de gamelas, de versificação.

Congresso de Poesia, não! Quando muito de profanadores da Poesia.

É a melhor classificação, porque o juiz e outrora poeta — este verdadeiramente poeta! — Raul Machado cataloga noutro sentido os que a divina arte poética prostituem...

MARIO MELO

(Ontem, hoje e amanhã, *"Jornal Pequeno"*, Recife, 28-4-41).

CONGRESSO

A notícia mais importante do Recife é esse Congresso de Poesia, que se realizará brevemente. Isso, aliás, tem dado muita dor de cabeça aos sonetistas roquinhos, que não se conformam que a "poesia é um mistério amável", "é mágica". O interessante é que esse Congresso tem dado lugar a muitas opiniões. Um rapaz lá do Rio, publicou, recentemente, um artigo com o seguinte título: "Acadam, senhores, a pobre da poesia". E então metia o páu no Congresso, ridicularizando até. Outro, no entanto, não foi tão feroz. E publicou um comentário com esse título: "A poesia não morreu, senhores", elogiando, largamente, o objetivo da reunião dos poetas. O que eu sei, meus senhores é que esse Congresso é um assunto sério seríssimo mesmo.

HODSON MENEZES

(Ext. de "Depoimentos sobre vários motivos". *Revista Contemporânea*, Ano II, N.º VIII, Fortaleza, 1941).

CONSIDERAÇÕES SOBRE O POETA DORMINDO

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

(Tese apresentada ao 1.º Congresso de Poesia)

O sono, um mar de onde nasce
Um mundo informe e absurdo,
Vem molhar a minha face:
Caio num ponto morto e surdo.

Willy Lewin

Creio que a razão da escolha da palavra "tése" para designar os trabalhos que seriam apresentados neste Congresso, foi mais uma obediência inconsciente, não pensada (fico mais certo disso cada vez que reflito nos nomes dos seus principais organizadores), a uma praxe seguida no comum dos Congressos, do que a exigência de se verem provadas com evidências científicas (evidência das coisas), essas realidades do espírito diante das quais todos os nossos movimentos são, mais ou menos, como movimentos de sonambulos. Pois foi pensando na desnecessidade de demonstrar uma tese (eu sei que todos compreendem perfeitamente que o assunto do qual tentarei falar aqui, é um desses assuntos em que são mínimas as possibilidades de demonstração), que me animei a chegar ao fim destas considerações, às quais tentei em vão, dar um desenvolvimento e uma ordenação lógicos.

I

Diversas pessoas têm falado no sono como trampolim para o sonho, essa fuga efetiva do homem às dimensões comuns do seu mundo. Eu tentarei falar aqui do sono em suas relações com a poesia (relações secretas, porém não apenas suspeitas), do sono como fonte do poema.

Penso que estas palavras exigem uma definição, sobre a qual me apresso em insistir: não creio existir nenhuma relação de natureza entre o sono e o sonho (e neste caso estariam aqueles que consideram o sono apenas a parte não "iluminada", a parte em que não existe a «projeção» que é o sonho, um desses intervalos de sessão cinematográfica em que o filme se parte e ficamos inteiramente mergulhados no escuro). Antes, uma diferença de causa e efeito.

II

Há inegavelmente, nos críticos e poetas de hoje, uma decidida preocupação com o sonho. Fala-se nele muito frequentemente. Quando se escrevem poemas procura-se fazê-lo com a linguagem do sonho. Pode-se dizer que em torno do sonho estão limitados os estudos contemporâneos de psicologia. Já repararam em todas essas seções que os jornais e revistas mantêm, de «interpretação dos sonhos»? Em todas essas aplicações práticas que se fazem hoje do seu mistério (sem nenhuma humildade), esquecendo-se completamente seu mistério e sua sombra?

Sei bem que a atitude do homem, ou por outra, que nossa atitude diante do sonho é uma dupla atitude, é uma atitude (deixem-me empregar uma imagem que é tão comum a certa classe desses pesquisadores) de quem come o sonho e de quem é comido pelo sonho. Sinto muito bem, igualmente, que não saberei falar da parte de erro que essas visões comportam. O que eu procurei, tentando assinalar o modo como o sonho enche a vida do nosso tempo, foi apenas fazer uma constatação que vejo como um dos argumentos para chegar ao fim que persigo. Refiro-me a isso que, como a obra de arte, o

sonho é uma coisa sobre a qual se pode exercer uma crítica. O sonho é como uma obra nossa. Uma obra nascida do sono, feita para nosso uso. O sonho é uma coisa que pode ser evocada, que se evoca. Cuja exploração fazemos através da memória. Um poema que nos comoverá todas as vezes que sobre nós mesmos exercermos um esforço de reconstituição. Porque é preciso lembrar que o sonho é uma obra cumprida, uma obra em si. Que se assiste. Esta fabulosa experiência pode ser evocada, narrada. Como a poesia, ou por outra, em virtude da poesia que ela traz consigo, apenas pode ser transmitida.

III

Contrariamente ao sonho, ao qual como que assistimos, o sono é uma aventura que não se conta, que não pode ser documentada. Da qual não se podem trazer, porque deles não existe uma percepção, esses elementos, essas visões, que são como que a parte objetiva do sonho (gostaria que fosse percebida sem outras explicações o sentido em que emprego aqui a palavra: objetiva). O sono é um estado, um poço em que mergulhamos, em que estamos ausentes. Essa ausência nos emudece.

Creio ser necessário, antes de darmos as relações do sono com a poesia e o poeta (essas relações constituindo o assunto destas considerações), nos determos, embora de passagem, nas relações entre o sono e o sonho que numa procura de síntese assinalei no início como relações de causa e efeito. Nesse sentido, o sono não só provoca o sonho, não só tem no sonho sua linguagem natural, como também o condiciona.

E' o fato de estarmos adormecidos que dá ao sonho aquelas dimensões, aqueles ritmos de escafandristas às coisas que se desenrolam diante de nós. Aquelas distâncias, aqueles acontecimentos nos quais não podemos intervir, diante dos quais somos invariavelmente o preso, o condenado, o perseguido. Contra os quais não podemos, de nenhum modo agir.

Não sei se será adiantar-se demais pelo terreno do «literário», dizer que é possível reconhecer em todos esses elementos que compõem o clima do sonho, esse clima que como o da poesia, é um clima de tempestade, uma imagem da própria aparição do homem adormecido. Ambos: os acontecimentos do sonho e o homem adormecido, profundamente marcados pela presença mesma do sono, essa presença que não é de nenhum modo, apenas a ausência de nossas vinte e quatro horas, mas a visão de um território que não sabemos, do qual voltamos pesados, marcados por essa nostalgia de mar alto, de «água profunda», para empregar a tradução que Amerigo Torres Bandeira fez das desconhecidas sensações nele provocadas por uma anestesia de cloroformio. Como não reconhecer essa presença do sono na atitude do corpo de quem dorme, nessas pôses não raro trágicas (nunca irônicas), nas palavras que se quer balbuciar, na fisionomia em que adivinhamos, inegavelmente, os sinais de uma contemplação, e que é sob outro aspecto, um sinal de vida?

IV

Talvez eu deva novamente insistir nas dificuldades que existem em se falar de um assunto em que é tão considerável a parte do vago. No meu caso essa dificuldade se multiplica em impossibilidade. Impossibilidade de poder, por exemplo, penetrar no mistério de «olhos abertos», e com essa segura tranquilidade, aventura tão comum mas que ainda não deixou de me espantar em Paul Valery.

Antes de tudo, porém, uma observação se faz necessária: a poesia não está no sono, no sentido em que ele constitui um reservatório, do qual, em sucessivas descidas, o poeta nos aporte os materiais de seu lirismo. O sono predispõe à poesia. Reconheço que o próprio elemento, o sono em si, a própria palavra: sono (feita de sons que parecem se prolongar no escuro; a voz do homem falando no escuro), são coisas enormemente poéticas. Entretanto, a ação do sono sobre o poeta se dá em outro nível que o de simples material para o poema. Num terreno em que ele deixa de ser um objeto e se transforma como que num exercício, num apronto para o poeta (no sentido esportivo do termo), aguçando nêle certas aptidões, certa vocação para o sobrenatural e o invisível, certa percepção do «sentido oculto das coisas inertes», da formula de Pedro Nava.

V

Tentarei agora, embora com o risco de cair numa generalização grosseira (numa generalização de aparições) indicar os dois tipos dessa influência do sono nas obras de fundo poético.

Antes de tudo, há a parte de «aventura», como diria Muriel Mendes, o que de um certo modo já sugeriu acima, escrevendo que o sono predispõe à poesia.

Ainda aqui penso existir dois tipos nessa «predisposição». Um deles realizado pela idéia de abstração do tempo, de «fuga» do tempo, que Jorge de Lima considera «a pedra de topo do verdadeiro poeta», e que no sono se reveste de um caráter, já não mais «ideal», de pensamento, mas efetivo.

O outro realizado por essa idéia de morte a que o sono se associa para o poeta (seria interessante mesmo notar a insistência desse tema na poesia moderna; desse medo de acordar piano, como disse Newton Sucupira; e certamente a quem se propusesse esse trabalho haveria de espantar essa «tranquilidade» com que se morre — que, é a meu ver um fenômeno bem aproximado dessa preocupação de fugir que tanto agita hoje em dia a humanidade acordada); o sono sendo como que um movimento para o eterno, uma incursão periódica no eterno, que restabelecerá no homem esse equilíbrio que no poeta há de ser, necessariamente, um equilíbrio contra o mundo, contra o tempo.

VI

Uma outra observação a fazer (este sendo o segundo tipo de influência do sono sobre o poeta) é a de que o sono promove esse amalgama de sentimentos, visões, lembranças, que segundo Cocteau fará o verdadeiro realismo do poeta. Pode-se dizer do sono que ele favorece a formação de uma zona obscura (um tempo obscuro), onde essa fusão se desenvolve (os nossos sentidos oficiais adormecidos) e de onde subirão mais tarde esses elementos que serão os elementos do poema e que o poeta surpreenderá um dia sobre seu papel sem que os reconheça. Sobretudo, favorece aquele recolhimento, aquela

presença em si (o poeta andando a longas pernadas dentro de sua noite), cujo efeito sobre o poeta, um grande poeta comparou ao de uma verdadeira *purificação do espírito* (Raissa Maritain).

VII

Talvez seja minha obrigação, agora que termino estas considerações, senão resumir-me, ao menos indentificar a presença do sono nas obras de fundo poético, presença aliás que preferi sempre chamar: influencia, por me parecer que o poeta não tendo uma percepção objetiva do que acontece durante o sono, este não poderia assumir em sua obra um caráter de presença, em imagem, ou coisa formulada. Assim, pode-se adiantar que o sono não inspira uma poesia (a poesia moderna, por exemplo, coisa que se dá inegavelmente com o sonho, cuja mitologia é a da própria poesia moderna), no sentido em que o poeta se sirva dele como uma linguagem ao seu uso. Apenas, fecunda-a com o seu sôpro noturno — o halo da própria poesia em todas as épocas.

POEMAS DE ANTONIO GIRÃO BARROSO

O POEMA

Escreverás sobre a velha mesa esquecida e pobre
mais um poema perdido na noite, e achado horas
[depois.
É calada a noite, e cheia de tédio, mas serena e calma
como jamais a tua mão o fôra. Trabalhas.
Nenhuma voz, nada perturbará o trabalho de tua mão,
a qual escreverá sobre o pequenino papel branco e frio
as palavras monotonamente pensadas na noite quieta
[e dorminhôca.

E o poema sairá, e sobre ele descansarás
a tua angústia de duzentos anos.

(Outubro, 939)

VIAGEM

Viagem pra Chicago
ouvindo falas de gangsters.
Podia ter amado Jeanne
a meiga rapariguinha de Paris.
Hollywood não existe.
Tencionava voltar mais cedo
mas os mares aqui são calmos.
Não sei quando virá o dilúvio
que nos arrebatará o mundo.

(Janeiro, 937).

Homenagem a Benedito Monteiro — (Proposta ao 1.º Congresso de Poesia do Recife)

BENEDITO COUTINHO

Já que nos reunimos para falar de poesia, é natural que falemos também de poetas. Principalmente daqueles que morreram e tiveram uma existência verdadeiramente heróica, e cairam no esquecimento, que obriga o acúmulo do tempo sobre a memória dos desaparecidos. Pois, nada mais que uma homenagem póstuma e um reconhecimento àqueles que emudeceram.

Um desses mudos, é o poeta Benedito Monteiro que, por volta de 1926, desapareceu dos cafés e das ruas do Recife, e foi dado como morto, assim provam vários artigos da "Revista do Norte", em que retratam a figura de Benedito e ensaiam crítica sobre sua poesia.

A biografia de Benedito Monteiro é uma coletânea de revistas intitulada "Revista do Norte". Ali podemos encontrar todos os seus passos na poesia podemos traçar o roteiro seguido pelo poeta nas diversas estradas do mundo. Mesmo de uma obra como foi a dêste Benedito, que teve um só sentido, que foi o de evoluir constantemente, procurando sempre novas formas, novos caminhos que o levasse a satisfação plena da poesia. Já se pode notar o espírito de transição que vamos topar. É um homem que pretendeu até mudar a atitude vulgar. Até o que dizia no sentido mais comum, tinha qualquer cousa de novo e de incrível. O que levou a muitos chamarem Benedito, o poeta "blagueur".

Ao se abrir o primeiro número da revista, deparamos um soneto caprichosamente traçado, descrevendo com elegância e maestria de um parnasiano "a curvatura immota" de um portão barrôco. Era o soneto. O que hoje chamariam sem nenhum rubor, a estéril gaiola dourada da poesia. Mesmo se encontrando dentro dessas catorze pernas, às vezes, rariíssimas, algo que seja poesia e que tenha alguma beleza. É o caso dêste soneto de Benedito:

"Curvo, no teu traçado um capricho se imprime,
lembra um collo de garça a curvatura immota.
Velho, a tua velhice alguma cousa ignota
traduz, alguma cousa imortal e sublime.

O tempo e a incúria atroz e ignobil crime
perpetram ao deixar-se ao léo na sua rota.
O modernismo vil nem ao menos te nota
a graça natural que a tua curva forma imprime".

Os mesmos motivos que a antiga Musa, a velha Musa a velha ofertava pelos seios já envelhecidos, onde os últimos poetas sentiam faltar o leito amigo da inspiração. A técnica, o espírito da velha escola, sómente o pessoalismo que imprime cada poeta, secretamente, no verso, diferenciava dos outros. Mas o resto é conversa fiada. O que é o Benedito nesse período é um conservador do vernáculo, um burguês terrível, que dorme em cima da tradição, chamando de vil o modernismo que se desercebe da "curvatura immota" de um velho portão barrôco.

Passemos ao segundo número da "Revista do Norte". Um artigo de Benedito sobre o preto Henrique Dias. Já um ano passou. Completa mudança. Radical transformação no que é o homem de letras. Desapareceu o poeta chorão e tradicionalista. Agora um realista frio, um articulista "blagueur". Verificamos neste período um prazer pelo grotesco, pelo irregular, uma alegria de contrariar.

Nesse artigo ele tenta provar como Henrique Dias tinha sido um escritor, "um forte, um vibrante um imarcessível escritor de pura estirpe". Mas isso ainda não é nada. No retrato do preto Henrique, que podemos chamar caricatu-

ra, é que revela-se um novo Benedito, que nos mostra por enquanto o que vai por dentro da alma, como uma revolução subterrânea onde se prepara uma nova forma. Eis o texto do artigo:

"O negro Henrique Dias, negro como a desgraça, como a ignorância, como a cobardia, como a morte que semeiou entre os contrário é um tição fardado ardendo na história com a clara luz de um Farol".

"Negro Espantoso"...

Esse grotesco de linguagem é apenas uma reação contra a antiga forma. Ele contraria-se usando daquilo que chama vil um ano atrás. Ninguém pode avaliar o que se passava de dramático intelectualmente com Benedito. Mas que esses sintomas de desequilíbrio, em relação ao antigo Benedito sonetista, mostra alguma causa de anormal. Por essa época grassavam os "ismos". Essa doença, localizada inteiramente no crânio, fez com que muita gente fizesse bestira; muita gente séria, mesmo. O Benedito sentia já, por volta de si, a renda do que o chamaria para novos caminhos.

Benedito revela-se uma criatura nervosa, estranha, revoltada contra os preconceitos sociais. Os seus movimentos são notados. Usa cachimbo como um protesto a atitude vulgar. Os seus artigos estão cheios de ataques a burguesia. Ora demonstra o seu grande amor às casas, as casas que estão fechadas e soturnas, ora clama contra essa invasão de cimento e pedra que afeia a paisagem. Depois um grito de alarme contra o burguês manhoso que se disfarça de cultura e entra em outros meios, como o bonde da Pernambuco-Tramways. Em outro artigo defende o vulgo que fala e escreve errado, advogando a causa dos letreiros com português errado. Dizia ele: "Os 'placards', os disticos e taboletas que se dizem errados pertencem à physionomia da cidade. Dão um lindo aspecto de naturalidade e incultura". É o climax daquela revolta surda que lhe ia lá pela alma. Que a naturalidade e a expontaneidade de ação predominasse. Nada como o que pula de dentro das almas saindo para fora com a nudez dos recem-nascidos.

Enquanto isso, o poeta que vivia em Benedito debatia-se num mar de incertezas e dúvidas. Para ele se tinha desvendado o mundo da poesia de inteligência, da poesia das transfigurações interiores, transcendente, sem tempo e sem fronteiras.

No outro número da "Revista do Norte" está a primeira joia moderna de Benedito. Talvez a sua mais perfeita joia. A mais bem burilada. A menos consciente, e a que melhor mostrou o mundo fechado de Benedito: o mundo da sua cultura, da sua emoção, da sua sensibilidade. É o "Poema da Força". Intitulado assim num artigo de João Vasconcelos, na mesma revista. Mas que eu chamarei, já que o original do poeta não tem título, Lirismo e Força. Porque é justamente essa dubiedade que caracteriza a poesia de Benedito neste período. Do parnasianismo, que ficou muito para traz, tinha passado para um mixto de "marinetismo", dadaísmo, e surrealismo. Creio, também, que Benedito sentiu o cubismo mais poeticamente, do que como escola pictorial. É uma grande singularidade de seus poemas, essa força de se isolar os versos, as palavras com lirismo e força poética autônoma, como se tomassem formas determinadas e irredutíveis dentro de um espaço ilimitado. É que dentro do espaço e do tempo os seus motivos sensibilizantes tomam formas iguais àquelas que ele pensou construir numa "geometria não-euclidiana". Isso culmina na interpretação das frações que lançava como versos. É ainda a crença das medidas exatas como verdade, das cousas transformáveis, porém irreduti-

veis. Um seu crítico escreveu muitos anos atrás, que seus versos "fal-o-á passar por louco aos olhos de quem não tiver grande percepção, ao menos intuitiva, dos fenômenos equívocas ou conhecimentos integralizadores de física e de mecânica". São conceitos erradíssimos. Benedito entrou para o modernismo por uma porta que só se abriu para ele. Manuel Bandeira, Jorge de Lima, fizeram evocações de crianças e um lírico regionalismo; Oswald de Andrade foi puramente "antropófago". Os outros seguiram às mesmas trilhas, procurando originalidades rítmicas, ou imagens extravagantes. Porém Benedito é uma ilha no meio de toda inovação. Ninguém foi mais renovador do que ele. Mas a sua renovação seguiu o instinto poético, os impulsos poéticos. Vejamos o "Lirismo e Força":

"Knockout. Forças estranhas.
Sacos de 75 kilos. 6 1/4 a 6 1/2.
O Kalifa... A Besta...
No conjunto das impressões se abismam.
O movimento retrogrado. A self-induction.
A reação. O peso morto. A carne frigorificada.
O pulsar dos motores dos hydroaviões.
Os carburadores. As carretas. Os cilindros.
O lyrismo dos cilindros em estrelas.
O zum-zum longínquo das hélices.
6.000 rotações por minuto.
As grandes linhas internacionais.
Paris. Dakar. Buenos-Aires. Punta-Arenas.
Seattle. As Aleutas.
Raid à volta do mundo.
Integrei-me, explicitei-me.
Eu era uma função implícita.
Respiro, os ambientes de petróleo.
Bebo as paisagens de 100 milhões de hectares.
As retinas vêem os focos de 1.000 quilômetros.
As retinas vêem a música silenciosa das catastrophes.

Neste ponto estilístico, Benedito produziu mais um poema integrado num "marinetismo" enjoativo. Vestígios da sua campanha ante-burguesa. Este é o "Poema da bolsa. A sua maior confissão é o poema acima citado. Considero tudo que ele fez em vida. É uma auto-biografia em poesia. Uma estranha biografia, que ficou como testemunho do que poderia ter feito esse Benedito se tivesse continuado sua vida por muitos anos. Integrado no sentimento da época, ele não viveu para o sacrifício artístico de uma escola poética. Preferiu ser um mixto de todas elas, temperando-as com o que tinha de próprio e original.

Benedito Monteiro morreu. Morreu propriamente não. Fez a maior "blague" da sua vida; se escondeu. Não sei onde. Nunca mais foi visto pelas ruas, nem nos cafés. Aquilo era uma brincadeira séria. Mas como tudo de Benedito era com jeitão de sério, foram se esquecendo dele... Num dos últimos números da "Revista do Norte" está a notícia da sua morte. Também os necrólitos e os elogios fúnebres, como também alguns heresias poéticas-criticas para a poesia do morto. Morte que Tristão de Ataide notara em seu livro de "Estudos", dizendo: "esse jovem Benedito Monteiro que fazia poemas modernos e construía geometrias não euclidianas aos 20 anos e que aos vinte anos estalou a corda tensa de uma vida tão intensa e tão breve"

Um dos últimos poemas póstumos, que saiu no mesmo número da revista "As Pedras", que eu considero a forma mais refinada que alcançou ele em poesia, despreocupando-se do mundo matemático, do mundo burguês e se voltando para a natureza, não como um panteísta ou um bucólico, mas como um poeta que descobre nos mínimos traços os vestígios poéticos mais comoventes e ternos.

"Imóveis, numa altitude druídica,
as pedras despenham-se pelo vale
ou acorram-se nas gargantas,

balançam-se feito meninos nos despenhadeiros.
São uma multidão de sapos pretos soturnamente.
Os riachos vêm, alegremente pelos córregos,
bem no leito, despreocupadamente.
Elles vem em serenata,
cantando, tangendo as folhas,
os musgos e os capins das beiras
e ao encontrar as pedras ferem-nas
como com o arco as cordas dos violinos
o Stravinsky se ouve no fundo da mata muda"

É a forma simples e natural de um poema. A calma que nos lembra Stravinsky no fundo de uma mata, é como um transporte momentâneo que fazemos a esse lugar onde o poeta sentiu a mesma coisa. Ele, precisa notar aqui, já quasi no fim de que escrevo, perdia-se num mundo de contemplação, olhando um altar de uma humilde igreja. Ficava silencioso, contemplativo. É o contraste do revoltado e reformador de estilo. Agora sólente a serenidade das proximidades da morte. Desapareceu a angustia de seus antigos poemas. Não mais o "marinetismo" árido. Até mesmo aquela tendência subística de sentimento, não se nota mais. E apareceu a calma do morto que era poeta.

NOTA:

Todos nós sabemos que Benedito é um nome Desmoralizado por um santo preto. Porém um santo camarada e bom. Nunca fez mal a ninguém. Não foi violento, nem teatral. O maior gesto dele foi ter por momentos a Criança, nos braços negros como a noite. Depois disso virou santo. Num país sem preconceito de raça, e onde todo mundo tem parcelas dessa pigmentação no sangue, por culpa dos nossos portugueses avós, ele, São Benedito, passa miséria de missa, novena e admiração. Sendo assim é mais fácil se topa um Apuolo Euénápio da Paixão, vulgo Mário Melo, descrente da poesia, do que um poeta com o nome de Benedito. Bem sei que de braço com São Benedito, Benedito, lá no céu, monta cilindros nas estrelas.

TRECHO DE UM COMUNICADO AO CONGRESSO DE POESIA, DE G. BITTENCOURT DE HOLANDA:

ALLEGRO, MOLTO VIVACE

Cai como em vertigem, no "profundo hoje em dia" que Willy Lewin cita de Cendrars em seus "Caminhos da Poesia". Imaginei os "eixos articulados, "châssis" baixos, linhas convergentes, perfis fugitivos, freios em tódas as rodas, utilização de metais preciosos para os motores, emprego de novos materiais para as "carrosseries", grandes superfícies lisas: clareza, sobriedade, luxo. Nada mais recorda o carro e o cavalo de antigamente. É o conjunto novo de linhas e de formas, uma verdadeira obra plástica".

Sim, não há dúvida: a poesia pára sobre tudo, completando, desmanchando, ridicularizando, construindo.

Ainda hoje um amigo meu disse-me:

— Conheço um camarada que é o tipo do boçal. Lê muito Darwin, Sófocles, Píndaro e outros. Ele descreveu-me um desastre de avião assim: "O avião vôa — Dá-se o vácuo — O aviador apela para a consciência do avião com um jato de gasolina — produz-se o traumatismo humano e o avião cai no ostracismo".

Mal sabia o meu amigo que a poesia tinha cometido um delito. Pegou o ignorante, o poeta, o inconsciente, e, de surpresa, projetou-o num de seus abismos profundos e misteriosos.

BITTENCOURT DE HOLANDA

British Ship — Chandler — 3-maio-1941

OTÁVIO DE FREITAS JÚNIOR

(Tese apresentada ao 1.º Congresso de Poesia)

Poesia não é fim. É meio de atingir um estado emotivo especial — o «estado poético».

Não creio que seja possível encerrar a Poesia numa definição, e muito menos numa fórmula matemática, como fez Paul Dermée: «Poesia = Arte + Lirismo». A verdadeira essência da Poesia, por natureza não racional, nunca o raciocínio nos poderá levar.

«Quem não conhecer diretamente a Poesia não poderá nunca receber uma noção». — (Novalis — «Fragments inédits»).

Este conhecimento direto, esta intuição é a única maneira que temos de sentir o mistério poético.

Nem mesmo com o belo se deve confundir a Poesia, ou melhor, o Poético. O belo eleva, o poético absorve. Há belo poético, e há belo não poético, como há poesia bela e poesia não bela. Impossível demonstrar isto objetivamente.

Para haver «estado poético» possivelmente é necessária a «presença» humana. Por isto, aos poucos é que se aprende a sentir o estado poético.

Não se nasce poeta. Pode se nascer artista, estéta. «Fica-se» poeta.

Poesia não é forma, é experiência. Por isto há uma experiência poética como há uma experiência mística etc.

Não há boa ou má poesia como há bom ou mau romance ensaio ou conto. Há poesia ou não há poesia.

Poesia e poema não são sinônimos. Poema é o meio literário definido de procurar atingir o «estado poético». É a forma de Poesia que usa a Palavra como veículo. Caindo no erro de Dermée, tentariamos uma definição matemática de Poema como Poesia+Arte+Palavra.

O Poema é portanto a realização formal da Poesia. É como que uma «cristalização», e por isto deve manter certas constantes estruturais, como o verso, por exemplo.

O poema nunca deve ser compreendido como uma limitação do espírito à forma, nem da forma ao espírito. O poema é uma harmonia recíproca entre forma e conteúdo. O poema em prosa resulta da impossibilidade desta adaptação, desta harmonia, em certos casos. É a solução poética. O sacrifício do conteúdo ou da forma, seria a solução lógica. É que a realidade Poética transcende à Logica. O Poético é

supra-real. O surrealismo foi a «prise de conscience» deste fato. Mas qualquer poesia, surrealista ou não, é supra real.

O Poeta como ser «participante» sente necessidade permanente de ação.

«O Poeta age» (Murilo Mendes — entrevista a «Diretrizes — 1939»). Quando esta ação é expressional, temos o poeta artista (num sentido geral; não nos referimos apenas ao «poeta artista» da corrente Mallarmé, Valéry, que se opõe ao poeta «vidente» — Rimbaud, Lautréamont, etc.) Quando a ação é imanente o poeta é mudo, de vida interior em poesia (Rimbaud na África, eremitas, ascetas, terroristas balkânicos' Murilo Mendes nos intervalos entre os poemas, etc.) O poeta que necessita de palavra como meio expressional, é o autor de poemas. Com a palavra ele pode utilizar outros elementos: o ritmo, a métrica, a rima, o verso livre. Alguns poetas tentaram ainda o seu aproveitamento plástico (Appolinaire, por exemplo, em «Il pleut»).

Há poemas que em tudo nos satisfazem, porém nos quais falta um «substrato» de Poesia e este substrato profundamente subjetivo é a presença do Poeta.

É que o Poeta apesar de não justificar o Poema faz parte do conjunto poético de sua realização. Donde não ser possível apenas com a inteligência a «fabricação» de poemas poéticos.

Há poetas que transmitem Poesia. Outros que constroem Poesia. Os creationistas exageraram a parte puramente criadora do poeta, tornando-a específica da Arte e da Poesia. No Poema, de qualquer forma, o Poeta compõe e realiza. No Poema em Prosa pode apenas realizar.

O homem irônico é o que se recusa a participar. Por isto nunca poderá ser poeta. Porém o poeta pode ser irônico, como um meio de atingir à consciência. É o caso de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes em sua primeira fase («Poemas» 1930 — abstraindo totalmente «Historia do Brasil» da obra poética de M. M.)

O que é preciso então, é ser primeiro poeta, e depois irônico. O poeta irônico é irônico à posteriori.

A Poesia não é esta coisa tão frágil como pensam alguns, que precise de um orquidário para subsistir. A Poesia vive em toda a parte. Tão bem na torre de marfim, como no campo de concentração, dentro do poeta fazendo ginástica comandada por um sargento arianíssimo.

A vida em poesia é uma vida interior de consciência e de transcendência à imanência do ser. A «experiência poética», talvez dissemos melhor, a «aventura poética» — é uma condição especial do espírito, deante do Mundo: no café de Montparnasse, no convento, na África, no campo de concentração. A citar ainda os já referidos terroristas balkânicos, e os viajantes da escola de Sagres.

(Proposta ao 1.º Congresso de Poesia do Recife)

"Arthur Rimbaud fut un mystique à l'état sauvage, une source perdue qui ressort d'un sol saturé. Sa vie, un malentendu..."

Paul CLAUDEL

O chamado "caso" Rimbaud não é um simples problema de Arte, mas um problema de Vida, no sentido mais amplo, mais total da palavra.

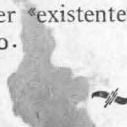
Certo, Rimbaud foi também um grande artista, um excepcional realizador de poesia em versos. Alguns dos seus sonetos e, sobretudo, o seu famoso "Bateau Ivre", podem ser contados como "joias literárias", de acôrdo com a expressão favorita dos estetas mais exigentes. Mas não é isso que propriamente nos importa — ou só nos importa de uma maneira limitada — a nós que nos voltamos menos para o poeta ou para o artista do que para a poesia em si mesma; ou que só nos interessamos pelo artista na medida em que a sua própria experiência constitua uma lição ou uma "mensagem" — segundo a expressão hoje em voga — entumescida de mistério e de sentido.

Rimbaud deve ter para nós uma importância fundamental como símbolo e exemplo dessas vidas de homem que sómente se "explicam" e se "realizam" — quasi que na sua medida extrema — "poeticamente".

"Avant Rimbaud — diz-nos Cocteau — il y avait la poésie; après Rimbaud il y a l'état d'esprit poétique".

A Poesia não morre com o ruído dos bombardeios, das bombas de toneladas, nem com o passo ritmado dos pelotões de fusilamento. A Poesia vem sofrer com o Poeta as condições do Mundo.

A vida em poesia não é uma abstração da vida. É uma «super-vivência». O Poeta é sobretudo um ser «participante». O não poeta é um ser «existente». O Poeta participa do mistério lírico do mundo.



A imagem da morte de Patrice La Tour du Pin no campo de concentração, é a do mundo da Poesia de hoje. Garcia Lorca morreu fusilado num carcere da Espanha invadida e subjugada. La Tour du Pin entre um milhão de prisioneiros cercados pelas rês de arame farpado.



O Mundo debate-se na tragédia da inconsciencia e da maldade. O Mundo caíu no abismo da não poesia («... le monde, ce qu'on appelle le monde des hommes, il avait un coeur... on dirait que ce coeur a cessé de battre...» Gabriel Marcel, in «Le monde Cassé»). O poeta não pode estar indiferente deante do mundo e do homem sofredor que o cerca. Poesia é tambem ação, luta e heroismo.



A poesia não precisa, nem pôde, abstrair o «monde cassé». O poeta deve agir no sentido da humanidade, do mundo. A Poesia exige o «sentimento do Mundo».

Por isso élle é a sombra que se projeta cada vez mais nítida até o nosso tempo.

A lição por élle deixada é que motiva — sem que nós mesmos muitas vezes o saibamos — as nossas próprias atividades, os nossos próprios gestos de poesia.

Rimbaud foi um sujeito mal-educado, intratável, um aventureiro, um vagabundo, um "lawless", um "desclassificado" perante os códigos, os "bons costumes" e o "bom-senso" do mundo. Ele foi precisamente aquilo que eu chamaria um "zero de comportamento". E essa seria a glória a que deveriam aspirar todos os poetas verdadeiramente dignos da Poesia: a de ser, aos olhos do mundo burguês, bem-pensante e mediocre — a exemplo do santo, em gráu, aliás, muito mais elevado — um "zero de comportamento".

A Poesia para Rimbaud foi o seu próprio sangue, a sua própria carne, a sua própria respiração. Fora do seu hábito, positivamente morreria como um peixe atirado à praia. Daí o drama da sua vida imensamente desesperada.

A Poesia é uma causa enorme. Mas é também uma triste e pobre causa carnal. O drama de Rimbaud — que não quis ou não soube conhecer a experiência mística — foi certo, como o sugerem os seus mais profundos exegetas, o de querer iluminar plenamente e pela poesia as zonas ocultas do Mistério absoluto, do Conhecimento total. Ora, a Poesia, não obstante tôda a sua grandeza e tôda a sua solidade, não pode aspirar à posse dessas chaves sobrenaturais. O poeta por si só ou só pela Poesia não pode abrir de par em par as portas de bronze do Mistério. Ele é apenas capaz de vislumbrar, algumas vezes, numa daquelas "horas raríssimas" de que nos fala Rainer-Maria Rilke, os signos dêsse Mistério — signos de "inteligência", é verdade, mas vacilantes como a luz de uma pequenina lampada de azeite perdida na bruma e na distância.

Rimbaud quis mais da Poesia. Rimbaud, o violento, quis mesmo TUDO da Poesia. Nesse trágico malentendido, querendo tudo da Poesia — inclusive o que ela não lhe poderia dar — e não podendo respirar sem ela — o mundo, a vida, a condição de viver só lhe poderiam aparecer sob o aspecto de uma paisagem convulsa de desespêro.

Não tem outro sentido o seu famoso, o seu dilacerante, o seu inapagável grito:

"Vivre, voici l'horreur!".

Podemos agora pressentir o segredo do seu gesto, rasgando todos os seus poemas gráficos e iniciando com a aventura da Somália o seu poema vital, o seu atormentado poema não escrito.

Maio - 1941.

WILLY LEWIN

PROPRIEDADES GERAIS DO SUBSOLO POÉTICO E AS INCULTURAS FECUNDAS

LÉDO IVO

(Tese apresentada ao Primeiro Congresso de Poesia do Recife)

Les êtres singuliers et leurs actes associaux sont le charme d'un monde pluriel qui les expulse. On s'angoisse de la vitesse acquise par le cyclone ou respirent ces âmes tragiques et légères. Cela débute par des enfantillages; — on n'y voit d'abord que des Jeux.

JEAN COCTEAU — Les enfants terribles.

MOÇÃO DE CONFIANÇA À POESIA

Meu grande desejo era que esta minha viagem em torno da poesia fosse feliz como a de Ulisses, porém sinto que minha única alegria é a de ser um jovem marinheiro do navio fantástico dessa fabulosa presença ameaçadora que é a poesia. Para os que, como eu, sentem o privilégio e o orgulho de ser poeta, este Congresso de Poesia ora reunido, não é apenas um namôro com o lirismo. É a afirmação violenta de que os ventos maus que sopram não podem desfolhar as pétalas da flor furiosa da poesia. É a proclamação pública e sincera de que somos vivos e não cessamos de avionar nos céus turvos do mundo.

Sinto que Ariel paira sobre nossas cabeças, neste instante em que nos orgulhamos de não ter traído o mistério: Instante em que o panorama universal vacila, e um grande rumor se aproxima de nossos ouvidos. Instante em que, diante dos olhos atônitos do espírito burguês, nós, os "enludos", ofendemos à moral pública namorando com a poesia.

Entretanto, aqui estou feliz, porque chegou a hora de agradecer, em meio a muitos que têm a suprema felicidade de cantar, à Poesia, minha Amada Invisível, a graça de ter, com suas mãos intangíveis, amenizado o sofrimento de minha vida, a graça de ter-me distinguido com seu amor, porque sem a poesia eu não seria o que sou, porque ela é que me dá a intuição de existir, de viver, de ter conhecimento de que meu destino é uma viagem, um clarão de aventura, o aparecimento luminoso de um cometa.

Um Congresso da Poesia constitue, sem dúvida um acontecimento extraordinário e heróico. Extraordinário porque a uns parecerá falta de educação essa momentosa elegia à Musa; e as pessoas importantes encontrarão em nosso gesto unicamente cinismo. No entanto, somos apenas poetas. Somos os homens noturnos que vieram conversar coisas prodigiosas à luz meridiana.

Os poetas são instrumentos, mágicos instrumentos vibrados pelas mãos invisíveis da Poesia. Aqui, reunidos, formamos uma orquestra sinfônica. É necessário pois que diante dos homens, dos que não descobriram a face eterna da vida, executemos essa música que é um convite ardente a uma viagem maravilhosa no território formidável da poesia. Salvemos os homens pela poesia já que o mundo não pode salvá-los. Lembremo-nos de que todo aquele que se perde de amor pela poesia fica sendo eternamente seu escravo, e os escravos do mistério se libertam do mundo por si mesmos.

Antes de terminar, o coração entre as mãos, confesso que confio na poesia. E para que estamos nós reunidos não para, em meio ao panorama tormentoso dos tempos que correm, dar nossa moção de confiança à poesia?

PROPRIEDADES GERAIS DO SUBSOLO POÉTICO E AS INCULTURAS FECUNDAS

Jean-Arthur Rimbaud, o mais fabuloso de todos os meninos-prodígios, realizou, com sua maravilhosa vida de vagabundo, a mais heróica aventura de qualquer tempo. Aos 16 anos, seus poemas eram maiores do que o mundo. Depois abandonou a poesia escrita por aquela que a vida poderia oferecer-lhe, vendeu a Menelik, da Abissínia, pólvora misturada com poesia, e enfim voltou à França para morrer, ele que havia partido para viver. Não morreu, porque Rim-

baud não poderia morrer. Apenas seu corpo baixou à terra e sua poesia permaneceu dentro do mundo, como uma sirene que anunciasse o aparecimento do mais furioso dos lirismos. Isso bastou para que as colunas de mercúrio dos termômetros lógicos ascendessem e a tempestade rimbaliana agitasse o universo. Veio a calmaria, e os homens descobriram que nascera uma flor extraordinária que um dia seria árvore e se chamaria surrealismo. É verdade que os homens já andavam sofrendo dos nervos porque um rapaz muito imoral chamado Charles Baudelaire pintava os cabelos de verde, só vivia no porre e ainda exaltava o sabor delicado dos cérebros de criança. Outro, Paul Verlaine, fazia belíssimos poemas, porém se Rimbaud não houvesse aparecido, a poesia não seria como é. O menino prodigo furou o solo da poesia, e sua vidência revelou a riqueza sobrenatural do subsolo. Rimbaud foi uma janela, localizada no tempo, que se abrisse para a eternidade. Ele será sempre novo e imortal, porque só os que sentem em si a presença da eternidade resistem ao tempo.

Ao poeta de "les Illuminations" devemos, pois, a revelação espantosa de que a poesia é mais misteriosa do que Rocabbole, e como o sonho tem a propriedade de estar dentro de nós como uma coisa intangível e ao mesmo tempo real.

Estava descoberto o subsolo poético. O tempo ia passando enquanto Mozart, Bach, Beethoven e outros, não cessavam de sacudir o espírito utilitário dos anos com suas musicas.

Veio a grande guerra. Blaise Cendrars perdeu um braço, Radiguet e Péguy morreram, eis os acontecimentos mais importantes. Dadaísmo, confusionismo, surrealismo, tudo bem mexido e cosinhado, forneceu ao Brasil o modernismo. Poços artesianos, embandeirados de verde e amarelo, entraram no subsolo e buliram com veios riquíssimos. Um rapaz músico dormiu e de seu sono, talvez de sua costela, surgiu Macunaíma, o herói sem caráter; o Brasil em pessoa. Qualquer navio brasileiro que tocasse em Le Havre servia às viagens clandestinas de anjos que desembarcavam no Brasil, naturalizavam-se e enchiam a poesia nacional. Eram anjos não-teológicos, ciclistas, porristas, motociclistas, chauffeurs, datilografos, etc. Um desses foi encontrado em pleno Rio de Janeiro por um médico chamado Jorge de Lima, que o levou para seu apartamento. Resultado: o médico escreveu uma rapsódia e com ela ganhou o Prêmio Graça Aranha. Aliás, o menino Jorge, um dos cinco sujeitos mais inteligentes do Brasil, já havia escrito o "Acendedor de Lampeões", soneto para salões e recitais, e "Essa negra Fulô", poema que é superior a qualquer congresso afro-brasileiro. De Minas Gerais, Estado cujo subsolo é riquíssimo, vieram Carlos Drummond de Andrade, que perdeu um ramalhete de flores esquecido no sobretudo e alarmou aos quatro ventos que no meio do caminho havia uma pedra, e Murilo Mendes, cuja presença entre nós vale como u'a manifestação viva de poesia, sendo um homem limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo, a leste pelo Apóstolo S. Paulo, a oeste pela sua educação. Manoel Bandeira apareceu, descobriu Pasargada e cantou as 3 mulheres do Sabonete Araxá. Augusto Frederico Schmidt, gordo como o próprio nome, filho predileto de Rimbaud, cantou primeiramente o Brasil, que foi em boa hora substituído por Luciana, de quem se desquitou para amar Josefina; Augusto Meyer e Bilú se casaram num cartório do subsolo poético. Bopp atravessou as 7 areias engulideiras; depois de entrar na cidade das cobras, observou que estas "vão espiar as moças que dormem espichadas nas redes com todo o ninho gostoso de fora". E o Brasil se encheu de poetas, incontáveis como estrelas.

* * *

(Continua na página 22)

O F I M D O M U N D O

ANTÔNIO RANGEL BANDEIRA

(Poema apresentado ao 1.º Congresso de Poesia do Recife)

Assomarão as serpentes do cálice da vida
Enquanto o Anjo-bimetálico anunciará para breve
A morte do filho da poeira e da tentação.
O sangue da terra descerá então das montanhas transformado em lava
E o sangue dos homens se espalmará sobre a terra
Como um grande rio da criação do mundo.
E sob a árvore do sol repousarão os prisioneiros da morte e do silêncio.

Logo o poder operará transformações
E uma cabeça surgirá junto da outra cabeça
E uma única coroa cingirá as duas
Enquanto o seio direito será um seio de mulher
O seio esquerdo será um seio de homem.
Só as pernas e sexos serão as pernas e sexos de origem.
O braço direito será um braço de mulher.
O braço esquerdo será um braço de homem.
E a mão e a mão do duplo
Carregarão o cetro de Anael

— O gênio planetário de Venus.

Anael será representado pelo seu cetro
E os elementos obedecerão a Anael.
Anael mandará enforcar Marte
E Marte será enforcado.
Anael mandará atar Saturno a uma roda que gira
E Saturno será atado a uma roda que gira
Como gira a espada que vai degolar a cabeça do Príncipe
E da Ave
Que leva a cabeça à cauda
E que morde a própria cauda
Para nossa humilhação e desespéro.
Alguns padres e frades e irmãos de confrarias
Distribuirão com rapidez e eficiência
Pequenas cruzes das quais ninguém deverá se separar.
Os vespertinos trarão manchetes escandalosas:
— As serpentes recobraram forma e matéria e para esta cidade se dirigem!
— As serpentes tomarão dos fieis da Casa de Deus as cruzes que eles uzam sobre o peito!
E um irmão dirá a outro irmão, um filho a outro filho e um pai a outro pai:
— Qualquer fraqueza será tua perda.

E antes que se possa saber de onde vem tão grande ruido
Os primeiros contingentes aéreos lançarão bombas
Para arrasar a cidade.
Nem a musa
A que adquiriu a força de todas as hervas
E saiu vitoriosa de toda a enfermidade
Poderá trazer a salvação.
Tudo estará perdido.
Quê poderemos fazer com a variedade incalculável de efeitos?
Porque o fogo crepita
E gritam os condenados a arder?
Poderemos ver o bailarino
Aquele que dansa com palmilhas elétricas?
Poderemos ver o acrobata
Aquele que tem a faculdade pessoal do raio X?
Poderemos ver o mágico
Aquele que multiplica as pedras
E vitalisa as formas?
Poderemos ver o Cristo
Envoltô no céu negro por uma aguia de duas cabeças

Como os homens com as cabeças dos seus duplos?
Mas veremos o Cristo
Ou ouviremos a sua voz?
E porque não haverá respostas suficientes para todas as perguntas
Os holofotes anti-aéreos procurarão ver o Cristo no céu da última noite
E os auscultadores anti-aéreos procurarão ouvir o Cristo entre os ruidos e explosões da última noite.
Antes porém de se ver o Cristo
E antes de se ouvir a voz do Cristo
Virá a intuição do Cristo
E com a intuição do Cristo o silêncio.
Os aviões de bombardeio ficarão com os seus motores silenciosos
E jogarão bombas silenciosas
Como silenciosas serão as baterias anti-aéreas que defendem a cidade.
Mas trevas temíveis e de forma sinuosa
Descerão provisoriamente sobre o mundo.
A terra ficará escura e muda.
Até que o grito da luz se faça de repente
Despertando turbilhões de pássaros que voltarão para a terra aos golpes da tempestade extinta.
Grandes mistérios serão revelados.
Um enxame de almas procurará subir à região lunar
Almas que tentarão se impregnar de lucidez
Tornando-se luminosas
Irradiando-se em atos
E se expandindo como se fossem feixes de faiscas.
Depois desfilarão sobre a terra os germens de almas
Que se precipitarão sobre o mundo
Como chuva de fogo com tremuras de volúpia
Através das regiões da dor do amor e da morte.
Estes germens de almas anunciarão o Cristo.
Será então visto o Cristo
E será ouvida a voz do Cristo.
Ninguém terá nítida percepção de sua voz
Nem do seu rosto nem dos seus braços nem das suas mãos nem do seu peito nem dos seus cabelos nem das suas pernas nem dos seus pés nem dos seus dentes nem da sua túnica nem da sua nudez
(É o Cristo aquele corpo glorioso que flutua na atmosfera?)
Só os loucos o verão
Só os loucos o ouvirão.
A estes o Cristo dirá:
— Sou o Primogênito da Morte e porque sou o Primogênito da Morte queima os corpos de teus pais em braza viva para com água benta aspergir as suas cinzas e alcançar a redenção.
Então os loucos perguntarão ao Cristo:
— Por que tua cólera? Não basta o poder maravilhoso do teu olhar?
E ouvindo isto o Cristo convocará os curandeiros os parteiros os mágicos os camponeses os industriais os padres os doutores os nobres e os plebeus os inteligentes e os simples e os poetas para o último CONGRESSO DE POESIA.
A perspectiva de sonho não perturbará a tragédia dos últimos momentos.
O sonho será um passo para a eternidade.

U M I N T E R P R E T E A M A R G O D O R O M A N T I S M O

M Á R I O P E S S O A

(Especial para RENOVACÃO)

Manoel Antônio Alvares de Azevedo continua, passados tantos anos, a despertar no brasileiro, maximamente no brasileiro moço, indizível simpatia piedosa de envolta com essa espécie de admiração que só o talento origina. Ele teve a ampliar-lhe a glória a intervenção da morte, santificando-lhe a lembrança. Morreu quando tudo prometia. Surgiu como êsses amores insatisfeitos que têm a visão do eterno: amores que consistiram em anseios, em vagos desejos, mas que se não realizaram. São os amores que se não esquecem, aqueles que resistem ao tédio, os que a matéria não corrompeu. Alvares de Azevedo possuía dentro de si tôdas as harmonias e branduras. Não a delicadeza afetada da hipocrisia, mas uma finíssima sensibilidade que transforma tôdas as fôrças da alma em cadeias, em elos que se inclinaram dispostos a consolidar estímas. Ele que tanto amou teve a recompensa póstuma de ser o mais querido dos nossos poetas. Ningém o duvide. O indianismo de Gonçalves Dias dirige-se antes ao nosso patriotismo, o condoreirismo de Castro Alves toca à nossa imaginação e aos sentidos, fazendo-os vibrar de emoção e por isso são passageiros à semelhança da ressonância provocada por uma placa de bronze que se faça vibrar. Mas, o sentimentalismo de Alvares comprehende a perene melancolia dêsse novo mundo que já deseja compreender os tormentos psicológicos do antigo. Ele será durante muito tempo ainda um confidente das nossas tristezas. Muita gente, que se diz publicamente moderna e que proclama as virtudes de "Essa néga fulô...", nas horas de cismas, lê ainda Alvares de Azevedo, modelo de companheiro amargo, no instante supremo da vacilação. Ningém pode negar nesse jovem de vinte anos, que talvez viria arrancar ao sogro de Batista Pereira a glória de ser a maior cultura brasileira, a qualidade de precursor. Trouxe o País a grande novidade da sua emancipação intelectual, indecididamente anunciada por Gonçalves de Magalhães. Esclarecer aos homens desta terra que já era possível ir buscar a matéria prima na Europa, sem precisar de obter o salvo conduto português para penetrar no domínio do espírito. A consciência da nossa libertação ele a agitou talvez primeiro que José Bonifácio. A independência política, fato histórico que ainda não possuía a robóratio da consciência nacional, foi todavia fruto da nossa intelectualidade.

O romantismo, verdadeiramente, começou no Brasil com Alvares de Azevedo. Só ele conseguiu aduzir alguma causa de inédita nesse tocante. A sua arte é nova e completamente desconhecido o seu método. Aparece-nos, além disso, como o primeiro atestado vivo da eficiência das nossas academias: a sua cultura, vasta e profunda, honrava o Brasil e oferecia a prova provada de que já era possível se estudar sem a matrícula nas universidades europeias. Versando vários idiomas com perfeição, fácil fôra a esse adolescente de gênio compulsar os melhores escritores europeus, trazendo à nossa literatura as influências inglesa, alemã, italiana e francesa, pondo a segundo piano o estudo dos clássicos portugueses. Juntando êsses subsídios valiosos à inspiração que lhe era fértil, à luz do romanticismo, pôde iniciar uma literatura sensibilíssima, cética, às vezes crente, e não raro mórbida. Explanando como nenhum outro a nota sentimental ele poderia dizer, à maneira de Séneca: "Sou homem e nada humano me é estranho".

A literatura byroniana que Alvares de Azevedo tão bem soube exprimir, à sua maneira, vinha apresentar ao mundo, cançado das velhas fórmulas clássicas, uma paisagem sensacional. O nosso herói engolfoou-se profundamente na sua leitura, não desprezando Musset, e daí a nota triste e desalentadora em tôdas as suas produções. São verdades repetidas, mas que se não podem esquecer em se falando sobre o autor de MACÁRIO. Acresce a isso tudo a morbidez do seu temperamento, para o que havia de influenciar a morte de um irmão, causa de uma grave enfermidade, que lhe crestou por assim dizer a existência. Prova inconscusa de uma sensibilidade anormal. Há, porém, uma circunstância que talvez exprima, psicológicamente, maior razão de existir êsse profundo desencantamento que se percebe na vida e obra de Alvares de Azevedo: — era a imensurável discrepância entre o esforço e o resultado. As suas longas noites de estudo e o talento que dentro de si percebia não eram o bastante para alcançar essa fugidia felicidade, que sempre zombou do nosso pobre estudante. Imenso, o dispêndio de energias, nula a colheita. Nisso tudo um pouco de amor próprio contrariado, uma insatisfação aguda originada pelo refinamento do gôsto, o desespero e finalmente a idéia de morte, palpável, prevista ante o definhamento do físico, à fôrça de tôda sorte de extravagância.

Ademais, em Alvares de Azevedo, a morte moral antecedeu à física. Era já falecido quando o seu coração deixou de bater. Não havia em Alvares o desequilíbrio mental, a que alude Silvio Romero (Hist. da Lit. Bras., pg. 917) e sim um angustioso desconcerto entre a meditação e o real. Isso teria mais influenciado a sua obra, tornando-a uma viva página de tragédias íntimas, uma sofrer inenarrável, para o que lhe fornecia intelectualmente recurso e inspiração as obras dissolventes já citadas, as quais lia e relia com sofréguidão.

Tudo leva a crér, áplice o exagero nacional, que Alvares de Azevedo foi homem de gênio. Em tempo limitadíssimo, conseguiu reunir larga soma de conhecimentos, sendo de admirar a facilidade com que versava vários idiomas. Seria um outro Rui Barbosa, pela cultura e superior a este pelo sentimento, pois digam o que disserem da Águia de Haia, mas, a nosso ver, o seu talento devia mais ao verbalismo que a uma compreensão humana da vida.

Como estudante de Direito, só de apreciar os comentários feitos à margem do projeto do atual Código Comercial, matéria que daria amplo volume. E quem sabe a posição que teria, hoje, entre os nossos comercialistas, se tivesse vivido mais uma década?

Qual seria, com tal competidor, o logar de Carvalho de Mendonça? São perguntas que a nossa imaginação não pode suficientemente responder.

Há em Alvares de Azevedo u'a mocidade inquieta, que procurou nos prazeres diversão para a sua melancolia, para o seu mal de século. Ele, ao que parece, participou da convivência dos bordéis. Sentiu náuseas daquelas que vendiam amor (1).

Não se comoveu, todavia, com essa degradação humana. Mas, as suas frascices são antes fícticas. Ele as exagerou na sua linguagem impressionante e criou lenda em torno da sua pessoa, a quem atribuíram até o incesto. Gênio infeliz, êsse lado desfavorável toca à sensibilidade do brasileiro. Daí a comiseracão que nos desarma. Sentimos, ainda hoje, com êsse pequeno gênio, os dissabores da sua vida curta e agitadíssima. É que ele não tinha, como os demais, motivo para lágrimas e infelicidade. A sua desdita não foi um produto externo, provocado pela maldade dos homens.

Ele a criou dentro de si, como um novo Frankenstein, numa obra de auto-destruição. E o paradoxo avulta de extensão, quanto se considera que êsse invento é a parte dourada da sua vida, aquela que o haveria de sobreviver. Há por isso muita nevoa em sua poesia, nevoa psicológica, o que é de extranhar pois desconhece-se melhor explicador de sentimentos que ele. A obra de Castro Alves, mais retumbante, mais cheia de sol tropical, não tem essa qualidade de profundo desalento que se lê nos trabalhos de Alvares de Azevedo. Castro, apesar de tudo, foi menos infeliz que o seu modelo, a quem imitou em muitas ocasiões. Teve a satisfazer-lhe a vaidade a consagração da turba e concretizou os seus sonhos de amor ilícito. Mas, ao nosso Alvares caberia apenas o sofrimento... Mesmo porque o seu individualismo se pascia da indecisão, transformando-o no ponto sensibilíssimo de tóda a sua poética.

Byron, Musset, Hugo, Lamartine, Shelley, Shakespeare são os modelos do cantor de "Lembranças de Morrer". Fala-se por isso em imitações. A considerável influência que êsses grandes autores exerceram na vida mental do nosso pequeno gênio não se pode negar. São evidências que saltam das próprias poesias que compõem "Lira dos Vinte Anos". Mas, Alvares de Azevedo, como todos os seres excepcionais, possui algo de seu, inconfundível, que se não ofusca de todo ante os motivos byronianos que lhe atordovavam a imaginação. Nas suas poesias há um encanto intraduzível, uma perene melodia, uma arte de dizer as coisas, que as torna belíssimos momentos da vida sentimental. Ele foi verdadeiramente falando uma dulcissima assonância de ritmos. O seu amor é mais puro do que se pensa. A sua ternura filial, as inefáveis impressões de amizade fraterna que o ligava a esta linda menina — Maria Lúiza, falecida também precocemente, ligando o seu nome, sem o saber, à imortalidade, são traços definitivos da sua psicologia. A vida de Alvares foi uma perene crise de coração. Do amor ele extraiu todos os acordes dolorosos, sem gozar-lhe o lado carnal, recompensa incompleta dos que na terra se desdobram em benefício de outro sér. A magia dos versos de Alvares consiste, ao que parece, no jôgo ameno de certas palavras que soltas não teriam o encanto musical que ele lhes sabia emprestar. A poesia em Alvares é geralmente branda, suave, declina sem ruído.

Nesse deslizar silencioso vai disseminando ondas sonoras de tristeza. As pessoas que não gostam de poesia lêm contudo entusiasmadas ("Se eu morresse amanhã"), e muitas dessas se iniciaram nas leituras poéticas influenciadas pela fascinação do antigo inquilino da Chacara dos Ingleses. Quem não poderá, sem comover-se, pôr olhos nestes versos?

"Descansei o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida
A sombra de uma cruz e escravam nela
Foi poeta, sonhou e amou na vida".

Alvares ensaiou o drama, escreveu alguns contos fantásticos, trouxou páginas de crítica literária, mas deve exclusivamente à poesia o ter ingressado na imortalidade, que, bem comparando é uma espécie de consagração póstuma. O apregoado satanismo de Alvares é antes o desespero em convulsões, o delirar dum inteligência em perdição, a blasfêmia dos que não viram e não creram...

Os seus sentimentos religiosos ligavam-se antes à tradição da família; não partiam desta salvadora mistica a que chamam Fé. Mal a barca ameaçava sossobrar já o nosso poeta, nas visões do insucesso, começava as lindíssimas blasfêmias do Poema do Frade do Macário. Por outro lado, não há em sua alma o culto por Satan; existe sim a invocação do seu nome, nas horas amargas... Nesses transes, ele homologava o grito angustioso de Byron: "The best of life is intoxication" e endeusava o cognac, que depois seria igualmente glorificado pelo abstêmio Machado de Assis...

A poesia, no autor de "Anima mea" é personalíssima. Pode-se dizer que é um prolongamento acerbo da própria personalidade. Os seus versos são em geral de uma simplicidade encantadora, o que não acontece na prosa, quasi sempre enfática e cheia de erudição. A época de Alvares de Azevedo, como salienta S. Roméro, é de agitação, mas não consta que êsse moço se chafurdasse no tremedal político brasileiro, onde têm sucumbido as indecisas esperanças da nossa

(Continua na página 24)

LEÃO XIII E A ENCÍCLICA "RERUM NOVARUM"

ARNÓBIO TENÓRIO VANDERLEI

(Especial para RENOVAÇÃO)

Firmado o princípio de que a propriedade privada é de direito natural, beneficiando — essencialmente — os patrões e os operários, e estabelecida a legitimidade da existência das duas classes, a Encíclica tratou dos deveres e dos direitos de cada uma delas.

É dever de todas as classes sociais honrar o trabalho.

Todo homem tem o direito a uma quota mínima de felicidade. Sem um mínimo de bem estar, nem a moral resiste. A extrema necessidade não tem lei, ela é a lei de si mesma. (S. Tomás — De Reg. Principum, I, c.15)

Cada homem tem o direito de conquistar pelo trabalho aquela mínima de bem estar.

O trabalho é um direito e um dever. Ele é condição de dignidade pessoal e de prosperidade coletiva.

Depois de afirmar que não pôde haver trabalho sem capital, nem capital sem trabalho, Leão XIII confere primazia a este, afirmando: "A fonte fecunda dos bens corporais ou exteriores é principalmente o trabalho do obreiro, nos campos e nas oficinas. Tal é o poder e eficácia do trabalho que pôde afirmar-se, com toda a verdade, estar somente nêle a fonte donde procede a riqueza das nações". — *Immo eorum in hoc genere vis est atque efficacia tanta ut illud verissimum sit non aliunde quam ex opificium labore gigni divitias civitatum.*

Note-se, o Papa não estabelece primazia do operário sobre o patrão, mas do trabalho sobre o capital.

Honrar o trabalho não é um dever somente do empregador. É, também, e de modo particular, um dever do operário.

Se o patrão não deve esquecer que o trabalho não é simples ato mecânico ou animal, o operário também deve estar bem lembrado desta mesma verdade. Para o trabalhador que comprehende isto, o trabalho é fonte de alegria e ansia de perfeição. Para ele a sabotage e o desinteresse seriam mutilações nas próprias carnes, pois a sua obra é como o sangue de seu sangue, ele lhe transfere a chama do seu espírito e o calor do seu afeto.

Desejando dar à Encíclica uma feição mais prática, tendo por isso posto à margem, no seu dossier, o esboço e sugestões do celebre Cardeal Zigliara, Leão XIII desceu a alguns pormenores. Referiu-se à fraude, à usura, à violência de que muitas vezes os trabalhadores são vítimas. Falou das proporções e condições humanas em que o trabalho se deve exercer...

Sobre o salário é surpreendente a visão humana desse grande Pontífice.

O salário deve consultar as possibilidades da indústria, mas deve também atender às necessidades do trabalhador e às necessidades da sua família. Permitir-lhe que viva com sobriedade, e ainda possa fazer o seu pecúlio, pois a tranquilidade, na previsão do dia de amanhã, não deve ser o privilégio de poucos. Não deve o trabalhador honesto e poupadão viver, nos últimos dias, a morte entrar por uma das portas para arrebatar-ló, e a fome entrar pelas outras para sacrificar a sua mulher e os seus filhos.

"Façam o patrão e o operário (ensina Leão XIII) todas as convenções que lhes aprouverem, cheguem inclusivamente a acordar na cifra do salário; acima da sua livre vontade está uma lei de justiça natural, mais elevada e mais antiga, a saber, que o salário não deve ser insuficiente para assegurar a subsistência do operário sóbrio e honrado.

Mas se constrangido pela necessidade, ou compelido pelo receio dum mal maior, aceita as condições duras que, por outro lado, lhe não seria permitido recusar, porque lhe são impostas pelo patrão ou por quem faz oferta do trabalho, é isto sofrer uma violência contra a qual a justiça protesta.

O operário que perceber um salário suficiente para ocorrer com desafogo á suas necessidades e ás da sua família, se for avisado, seguirá o conselho que parece dar-lhe a propria natureza: aplicar-se á a ser parimonioso e obrará de forma que, com prudentes economias, vá juntando um pequeno pecúlio, que lhe permita chegar um dia a adquirir um modesto patrimônio.

Já vimos que a presente questão não podia receber solução verdadeiramente eficaz, se se não começasse por estabelecer como princípio fundamental a inviolabilidade da propriedade particular. Importa pois que as leis favoreçam o espírito de propriedade, o reanimem e desenvolvam, tanto quanto possível, entre as massas populares. Uma vez obtido este resultado, seria ele a fonte dos mais preciosos benefícios, e em primeiro lugar duma repartição dos bens certamente mais equitativa".



Mas como se poderá obter obediencia a êsses princípios, nas relações entre o capital e o trabalho?

Três instituições têm a seu cargo êsse empreendimento. A Igreja, o Estado e as corporações de classe. Da ação harmoniosa das três, resultarão a justiça e a paz social.

"A Igreja — escreve Leão XIII — é a que auferre do Evangelho a única doutrina capaz de pôr termo á luta, ou ao menos de a suavizar, tirando-lhe toda a aspereza; é ela que com seus preceitos instrói as inteligências e se esforça por moralizar a vida dos indivíduos; que com utilíssimas instituições melhora continuamente a sorte dos proletários".

As corporações de classe devem zelar pelos bens espirituais e corporais dos associados. O Estado é pouco flexível, por isso é mais prudente que, com a sua assistência e homologação, sejam resolvidas pelas próprias corporações, órgãos de maior sensibilidade neste ponto, as questões referentes ás horas do trabalho, á saúde dos trabalhadores, e á fixação do salário.

Pio XI lembra, na Quadragesimo Ano, que o seu predecessor referindo-se á autoridade civil" ultrapassou com acertada audácia os confins impostos pelo liberalismo, ensinando impeterrito, que o Estado não deve limitar-se a tutelar os direitos e a ordem pública, mas antes fazer o possível para que as leis e instituições sejam tais que, da propria organização do Poder Público, demande espontaneamente a prosperidade da Nação e dos indivíduos. Deve o Estado deixar, tanto aos particulares como ás famílias, a justa liberdade de ação, mas contanto que se salve o bem comum e não se faça injuria a ninguem".

É dever essencial do Estado — dever que prefere a todos os outros — cuidar, com equidade, de todas as classes sociais, obedecendo rigorosamente ás leis da justiça.

O direito do pobre não é melhor, do que o direito do rico. Mas é claro que a classe pobre precisa muito mais que o Estado lhe proteja os direitos. A fortuna já é defesa e força. A pobreza, porém, se deixada aos seus próprios meios, será comprimida e esmagada como o pote de barro da fábula.

Tem razão, pois, Leão XIII, exclamando: "Faça-se o Estado, sob um particularíssimo título, a providência dos trabalhadores, que em geral pertencem á classe pobre"...

(Conclue na página 23)

NOTAS SÔBRE A POESIA DE VICENTE DO REGO MONTEIRO

ACTA DIURNA

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

Vicente do Rego Monteiro — "Poemas de Bolso." Renovação. Recife 1941.

Vicente do Rego Monteiro é um brasileiro que figurou ao lado da gente mais importante de Paris em matéria de Pintura. Quadro nos museus franceses (nenhum no Brasil), elogios de críticos exigentes como noivas ricas, aplausos de entendidos, vendas para coleções refinadíssimas. Quatorze anos de Paris, pintando, conversando, sonhando. Voltando para Pernambuco, depois de temporada dirigindo um banguê em Gravatá, mora no Recife.

Essa é a história séca e simples de Vicente do Rego Monteiro, ilustrador maravilhoso, desenhista impressionante, original e forte com um senso de equilíbrio, de movimento e de segurança admiráveis. Dizem-no um neoclássico mas Vicente não é néo-cousa alguma. É Vicente do Rego Monteiro, parecido com ele mesmo. Essa mania da comparação é uma moléstia que pega como sujo em sapato. Custa a sair, por mais que se esfregue o solado nas quinas das calçadas ou noutras saliências desocupadas.

Agora, a propósito de um extraordinário "Congresso de Poesia", que se reunirá no Recife, aparece esse "Poemas de

Uma carta de Georges Bernanos a Vicente do Rego Monteiro, sobre "POEMAS DE BOLSO"

Barbacena

Cher monsieur,

Votre petit livre est resté des semaines en seveli sous une pile de bouquins prétentieux que je n'ouvre jamais — c'est d'ailleurs pourquoi ils survivent à tous les hasards de mon existence errante — et nous nous sommes brusquement rencontrés hier, lui et moi, sans doute avec une égale méfiance... mais nous nous sommes très bien compris dès les premières pages, et je crois que nous sommes devenus très vite amis.

— Votre onde n'était pas trop courte pour moi...

Merci de tout coeur. Puissions-nous nous rencontrer un jour, ici ou ailleurs, ou même nulle part — car nulle part est le point de rencontre des poètes, le seul vraiment inaccessible aux imbéciles.

Avec mon affectueuse et confraternelle sympathie,

BERNANOS

Bolso". O autor, usando a técnica inteiramente naval e moderna, sacrificou a fortaleza aos poderes da agressão. Lívrinho fino, esguio, com poemas em português e francês, faz um barulho que se pensaria feito por uma roqueira de São João.

Preliminarmente cito Renan. Não é boa companhia espiritual mas é um ponto de referência insubstituível. Um amigo saiu do Colégio de França e perguntou a Renan que devia fazer ante a Vida. *Tâchez de comprendre*, respondeu o arguto velhinho. Compreender não é assimilar nem implica solidariedade. É apenas, e divinamente, a fórmula que possibilita o julgamento do valor nos elementos alheios ou não ao nosso afeto.

Eu sou um devoto da rima e do metro. Não vou explicar porque gosto. Uma sensação independe de explicação. Basta que seja perceptível para constituir um estado. Sou, de todos os brasileiros recenseados, o único que lê e possui livros que não aceita texto e conclusão. Mas não gostar de Cocteau ou de Tristan Tsara, de Claudel ou do profeta Zabulão, está muitíssimo longe de negar, ou de não proclamar que esses indivíduos não sejam poetas, ou melhor, que não façam poesia. Poesia transcende da forma, da pura materialização imediata. Objeto, tema, tese, motivo poéticos, não estão catalogados hirtamente como um mostruário geológico. Há poesia em fundo e o poeta será tanto maior quanto mais intensamente sinte sua inspiração sincera e diretamente. Para mim, nos domínios das nove Musas e descendentes legítimas ou bastardas, só existe um pecado mortal: — a Hipocrisia.

Esses "Poemas de Bolso" são Poesia eminentemente lírica, pessoal e autêntica. Irrita apenas pela novidade dos motivos, dos assuntos que impressionaram o Poeta e mais o processo de exteriorizá-los. Compreendo que meu velho amigo Mário Melo haja ciscado de raiva ao deparar aquele *Crisapodoluxestiolario*, realização acima das possibilidades de Aragon.

Mas quem negará o fino sentimento, fremente de beleza moral, que há no *Élégie pour un aviateur mort?* A confissão felicíssima do S.O. S.

Vicente carrega para sua poesia os olhos de arquitecto. E escreve construindo. Ninguém é obrigado a elogiar o edifício mas em reconhecer sua idoneidade, fundamento e perfeição dentro do programa da escola. Escola, significa, caminho, rumo, que pode ser seguido por um regimento ou estar *virgem do passo humano e do machado...*

Todos nós vimos um trailer cinematográfico, o resumo das cenas mais sugestivas com que o produtor sacode na ponta do anzol, como isca, à nossa curiosidade remuneradora. Vicente não pensou nesse ponto. Pensou no Trailer puro e extrinsecamente. E escreveu esse, que é típico e nítido, em matéria de êxito psicológico e verbal:

Aux heures violentes
ou nos idées sont
les reflexes de nos
rapports avec
l'Auto et l'Avion
le "trailer" est pour
nos yeux
la Poésie
Instantanée.

E é mesmo. Dito isto, e coerentemente, guardo os poemas no bolso.

(*A República*, Natal, 23-3-1941).

METENDO A POESIA NO BOLSO

SILVINO LOPES

Quando um dia, para felicidade do mundo, fôr estabelecida a unanimidade dos gostos, a critica deixará de ser exercida e os poetas tranquilamente procurarão no espaço o trono que as suas imagens ergueram. O quilate estético será coisa nula e todas as liras terão o mesmo som.

Ainda é cêdo, porém, para o mundo livrar-se de certos homens que pensam possuir a disciplina do gênio e a faculdade de julgar. Nossos dias são ocupados por questões chinfrins. Fala-se em pedagogia artística, em espontaneidade elaborativa.

Não podendo compreender o valor dos alimentos que digere e a força dos líquidos que saca no papo, o homem perde os dentes e os cabelos a procurar, com o que ele chama reflexão interior, a chave do Universo. E enquanto se esfola nessa caminhada sem fim, por conta própria, vai descobrindo luz e lodo, perfume e podridão, astros e sapos, bandidos e santos, zebras e gênios. E' o ser que não se procura, e talvez não chegassem a reconhecer a sua própria pessoa se, por um fenômeno de ordem binária, numa rua se lhe desparasse a sua imagem.

Alisto-me no rol dos monstros quando me proponho à tentativa de um julgamento, pois venho de longe com a absurda compreensão de que naia há de eruditão na erudição, nada de artístico no que se rotula como arte, nada de poético na poesia e até, nada de limpo, de honroso, no que certos filhos de Deus chamam "minha honra". Não sou profeta, mas asseguro aos meus amigos e inimigos íntimos que séculos rolarão sem que tenhamos uma compreensão mediocre da realidade.

A função do poeta, do crítico, do filósofo, do músico, do romancista, do palhaço é uma só: distrair o seu público.

Não há, no Brasil, uma Ordem, um laboratório com autoridade para sagrar escritores. Somos o que queremos ser, e pensando que pensamos a tudo nos dedicamos com certo amor à verdade, mas, sempre com a máxima ausência de vocação.

Dito isto, está claro que eu acho todos os escritores muito bons. E ninguém conseguirá arredar-me deste toco, pois se resisti à crítica carunchosa de Silvio Romero, ao bolo de Valentim Magalhães, aos emplastos de José Veríssimo, porque ei de me passar para os mestres que agora estão de redea em punho?

Tudo isto pensei ou quiz pensar a propósito do juízo do sr. Mario Melo sobre o livro, o livrinho de Vicente do Rego Monteiro — *Poemas de Bolso*.

Ninguém pode negar ao sr. Mario Melo o direito de giosar, em pé na prosa, a vida de Luis do Rego, o serenissimo capitão general de Pernambuco. Pode-se mesmo dizer que Mario Melo tem a fibra dos revolucionários de 1817, sendo até um pouquinho parecido com Domingos José Martins. Mas, se poesia, velha ou moderna, sabem todos que o historiador nada entende.

Que barbaridade! — teria dito o Mario ao ler o Recife-screen. E como uma flexa partiu em busca do sr. Francisco José de Sales, ouvidor do Recife que, naquele seu tempo, em 1790, louvava a obra governamental de dom Tomás José de Melo, o precursor dos aterros, o homem que muito fez, muito obrou, em benefício da província, então capitania.

O Mario, porém, tem a virtude de saber como se faz a história, o que alivia o seu pecado de não saber como se pensa em verso. Os historiadores sempre tiveram em mim um devoto. Sem eles, sem um Aurino Maciel, eu continuaria ignorando a paternidade dos filhos de Zebedeu. Mais chegado, porém, sou aos poetas, e desde que estes espíritos de luz se libertaram destes dois troncos: a rima e o metro, mais a eles me fiz e não me daria mal se o meu médico, em lugar de papas, estabelecesse para o seu cliente um regime estético que me levasse a almoçar, jantar e cear poesia.

Vicente do Rego Monteiro antes de fazer versos já era poeta — pintava. Senão a arte uma só é clara que o artista pode perlustrar todas as suas ramificações. Nele a sensibilidade é fina, é apurada. Sem tortura deixa nos seus poemas a marca do emotivo. Não é um transigente, e assim firma no seu conceito o conceito universal da beleza. Não vai em busca da Forma, fica na imaginação, pára no pensamento. E' simplicidade quando pensa e assim não se enfessa se parece difuso quando escreve. Sua poesia quer ser uma expressão; quer ter cór e não uma personalidade rugidora dessas que se acanalham chorando por u'a mulher ou se achando semelhante a um rio, a uma árvore, a um sapo e nunca por nunca a um destes bichinhos que estudam cinco anos e ficam sem alteração nos seus cinco sentidos que são o rabo e as quatro patas.

Anuncia-se desde o tempo de Chateaubriand e mme. Stael a morte da poesia num desastre de avião. E bem viva está ela e tão forte que anda sempre pejada. Seus filhos também são fortes. Reparem no Vicente. Ainda não tem cabelos e não chora para mamar. Chora para andar em motocicleta.

(JORNAL DO COMÉRCIO — 16-3-41)

"POEMAS DE BOLSO"

Aluizio Medeiros

Está se processando no Recife, por intermédio dos rapazes que se acham agrupados em torno da revista RENOVAÇÃO, um movimento deveras significativo para a arte poética brasileira. Será levado a efeito, ainda este ano, o primeiro Congresso de Poesia do Recife, onde tomarão parte representantes de todos os Estados, e onde serão debatidos problemas de ordem poética, tomada a expressão no seu sentido mais amplo, compreendendo, portanto, as manifestações do espírito que recebam um toque de valores líricos como a pintura, o cinema, a fotografia, a arquitetura e a chamada arte popular, segundo o manifesto do próprio Congresso. Entre outras afirmações do manifesto há de que "a poesia é um mistério amável", o que é confirmado pelo pintor Vicente do Rego Monteiro — um dos empreendedores do Congresso — com a publicação dos seus *Poemas de Bolso*, primeiro volume da Coleção Poesia editado pela RENOVAÇÃO. Nesta plaquette de formato e conteúdo estranhamente originais, poderíamos classificar certos poemas como pertencentes às mais ousadas e discutidas correntes de vanguarda da poesia. Se há poemas comprehensíveis e até certo ponto "lógicos" como *Recife-screen*, *Carnaval frevo*, *Luar cromo*, *Chamada do arquipélago dos escravos* e outros, há os quasi que impenetráveis e "mágicos" como *Crisapodoluxestiolario* e *Poema cilíndrico em espiral*, este último parecendo mais uma transposição para o plano poético de uma tela abstracionista, talvez influência do pintor, que é Vicente do Rego Monteiro. O que nos chamou, porém, maior atenção foi a fuga do real, que o próprio poeta chega a pedir neste *S. O. S.*:

"Megohms e voossos duzentos mil ohms
que vibrais na emoção da passagem das ondas
para redução da tensão das catodas
ajudai-me com os voossos olhos mágicos,
compensadores antifading,
mostradores luminosos de velocidade micrométrica,
frequências e quilocíclios
para a minha longa caminhada,
através a zona do silêncio,
afim de atingir o país sonoro
da poesia instantânea."

Se Manuel Bandeira realiza essa evasão para Pasárgada (*Vou-me embora pra Pasárgada*) e Antonio Girão Barroso para o mar (*Canção do noivo aflito* e *O mar é meu*), Vicente do Rego Monteiro realiza para "o país sonoro da poesia instantânea" criando com a sua imaginação um mundo super-real e sómente seu com retas, raios vetores, planos, figuras geométricas, enfim, e a "inesplicável música densimétrica."

A poesia de Vicente do Rego Monteiro possui, muitas vezes, laivos de mistério, mas de "mistério amável"; portanto, de pura poesia, como nos mostra com estes seus belos e estranhos *Poemas de Bolso*.

(*Revista Contemporânea*, — Ano II, n.º VIII — Fortaleza, 1941.)

Conto de HERMILDO BORBA FILHO

O coração batia forte ao se aproximar do Instituto de contabilidade. As temporas começavam a latejar e seu Raimundo sentia um cansaço, uma moleza que lhe tomava todo o corpo.

Ela já teria chegado? Mas ele nem ao menos sabia quem era ela. Quando passava pela calçada os seus olhos sómente conseguiam vêr, através da janela do primeiro andar, aquelas pernas morenas, sem meias, completamente nuas, estendidas debaixo da secretária, numa atitude preguiçosa.

Lembrava-se nitidamente como havia começado aquela história. Uma tarde, de volta da Repartição passara, contra os seus hábitos, pela calçada do prédio onde ficava o Instituto de Contabilidade, quando o seu caminho de todos os dias era pela calçada fronteira. Nesse dia ele havia mudado o caminho para cair em um mundo de inquietações.

Funcionário público há 20 anos, solteirão, exquisito, seu Raimundo vivia afastado das coisas do mundo, preocupando-se, apenas, em ser pontual na Repartição e a colecionar marcas de caixas de fósforos, uma mania como outra qualquer. Depois daquela tarde, porém, caíra numa inquietação constante. As pernas morenas da desconhecida moravam dentro de seus olhos numa obsessão de todas as horas. Que diabo teriam aquelas pernas de extraordinário para que ele, um sujeito ajuizado, que tinha o senso do equilíbrio na vida, estivesse procedendo daquela maneira, como um colegial, olhando, furtivamente, as pernas de uma desconhecida? Não sabia. Do que ele tinha certeza era da impossibilidade de passar um dia sem vê-las.

Aquela semana havia sido atrôz para seu Raimundo. Há dois dias que as pernas não se faziam aparecer. Estaria doente a dona das pernas? Estaria de férias?

Seu Raimundo nunca procurara imaginar o rosto da mulher, se era magra ou gorda, se alta ou baixa. Tudo o que aquela criatura pudesse ser havia de se resumir nas pernas morenas e nervosas que ele se aproximava, numa agitação, para vêr. E se elas ainda não houvessem chegado? (Seu Raimundo já não dizia ela e sim elas).

310, 318, 324. O Instituto de Contabilidade tem o número 336. Estava se aproximando. Um suor frio percorria-lhe o corpo. Sentiu que era capaz de desmaiar no meio da rua. Primeira janela, segunda, terceira. Parou um pouco e olhou com medo para cima. Elas lá estavam, em uma nova posição, encolhidas, deixando aparecer um pedaço dos joelhos. Que alívio. Uma alegria nova tomou conta dêle e dirigiu-se para a Repartição assobiando uma música bêsta que lhe viera à cabeça sem saber como e que não se lembrava de ter ouvido em nenhuma parte.

* * *

No fim do mês quando seu Raimundo com o Marques, um colega da Repartição, foi receber o ordenado no Tezouro, uma surpresa o aguardava.

— Bom dia, Madalena. Também veio receber dinheiro? perguntou o Marques a uma moça que estava um pouco afastada, esperando que a onda de gente diminuisse um pouco.

— É verdade, Marques. Todo o santo mês é esta lufa-lufa danada.

Distraidamente seu Raimundo olhou para o chão e o seu olhar caiu em cheio sobre as pernas da moça. Santo Deus! Eram elas, as pernas, a sua obsessão, que estavam ali, à sua frente, perto dêle, junto dêle, vivinhas. Se quizesse pode-

ria tocá-las. Não mais estavam longe, fora do alcance de suas mãos. Eram uma coisa palpável, real. Lembrou-se logo do tempo em que frequentava aula primária: — "Que é uma coisa concreta? É tudo aquilo que se pode vêr, medir e pesar". Pois ali estava uma coisa que deixara de ser abstrata para se tornar concreta".

— Olhe aqui, Raimundo. Já conhece a Madalena?

Com esforço seu Raimundo levantou os olhos das pernas da moça e encarou-a timidamente.

— Muito prazer. Já o conheço de vista. O senhor passa todos os dias lá pela calçada do Instituto.

— É verdade...

Nesse momento chegou a sua vez de receber dinheiro. Todo atrapalhado despediu-se de Madalena.

— Até à vista, senhorita.

— Até à vista, seu Raimundo. Domingo o Marques vai aparecer lá em casa, em Olinda. Tomaremos um banho de mar. Apareça também.

Um banho de mar... As pernas de Madalena estariam todas nuas, completamente nuas para os seus olhos. Ele poderia olhar à vontade. Prómeteu que ia. Recebeu o dinheiro e, nesse dia, não apareceu mais na Repartição. Em vinte anos de trabalho era o primeiro dia que faltava sem ser por doença.

Em casa tirou a roupa e deitou-se. Passou o resto do dia e da noite pensando nas pernas de Madalena. Afinal Madalena não era um belo tipo de mulher. Ele sempre havia pensado que a dona daquelas pernas seria uma mulher fora do comum. Em conjunto Madalena era até bem vulgar. As suas pernas, porém, eram de uma perfeição única. Passou a noite sem dormir, embolando na cama. Porque seria que o tempo custava tanto a passar? Porque amanhã, envez de sábado, não era o domingo, já?

* * *

Deve ser esta a casa de Madalena, pensava seu Raimundo, indeciso, sem saber se devia bater ou não. Afinal bateu. Apareceu um rapaz, simpático, aparentando uns trinta anos mais ou menos.

— Por obséquio, mora aqui dona Madalena?

— Mora sim, senhor. Tenha a bondade de entrar. E depois que seu Raimundo entrou. — Com quem tenho a honra de falar?

— Raimundo da Silva. Dona Madalena convidou-me a aparecer, hoje, com o meu amigo Cristóvão Marques. O senhor é parente dela?

— Sou, sim. Sou seu marido.

— Marido?...

— Sim. Está espantado?

— Não, absolutamente, gaguejou seu Raimundo. Pensei que dona Madalena era solteira, que morasse com a família. Não tenha ciúmes do meu espanto, senhor...

— Armando.

— ...Armando. Eu já passo dos quarenta e cinco.

— Não tenho ciúmes, seu Raimundo, respondeu Armando com um risinho de mofa. Ora, tinha graça Madalena apaixonar-se por um sujeito como aquele, barrigudo, pequeninho. — Um momento, vou chamar a Madalena.

Com que então era casada? Aquelas pernas já tinham um dono. Que bôbo! Como não pensara antes nessa probabilidade?

(Conclue na página 25)

A CRIAÇÃO DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO DE PERNAMBUCO

LUÍS DE MAGALHÃES MELO

(Especial para RENOVAÇÃO)

Promovendo com a sua singular habilidade de estadista, a colaboração dos valores ponderaveis da nossa cultura e numa exata compreensão dos problemas nacionais, o Presidente Getúlio Vargas começou, logo cedo, a colher os frutos sadios da sua Política, inaugurada com o golpe branco de 10 de Novembro de 37. Extinguindo os excessos de regionalismos e subordinando os interesses individuais ao bem coletivo, o Estado Novo impôs-se, de logo, a todos os brasileiros, formando, hoje, uma consciência nacional. Os Estados antigaamente divididos por uma concorrência desleal, constituem agora um todo organico, em obediência à Constituição, que preceitúa a unidade territorial do País do ponto de vista Altandegário, econômico e comercial. Essa unidade não se faz sentir sómente no terreno econômico, sinão tambem em todos os setores da atividade humana.

O Estado Novo é o Estado presente. Em Pernambuco é de notar a sua ação benéfica na disciplina e coordenação dos valores positivos aplicados. Uma equipe de técnicos em colaboração com o governo, trabalha com afinco na obra de restauração econômica e social do Estado. Por outro lado, a política dos saldos orçamentários tem permitido grandes realizações de caráter inadiável. Sob o aspecto administrativo merece especial detalhe a incorporação do Monte-Pio Estadual e das associações particulares que operavam sob desconto em folha de pagamento, com seus encargos ativos e passivos ao Instituto de Previdência dos Servidores do Estado, criado pelo Dec. n.º 124, de 4 de junho de 1938. Deixando à margem a crítica tacanha e superficial de certos julgadores apressados, passemos a historiar a situação das sociedades encampadas pelo I.P.S.E.P. em face dos compromissos assumidos para com os seus contribuintes. Notemos, porém, inicialmente que «houve incorporação para efeitos de liquidação. O governo, no uso pleno das suas atribuições, por um princípio de moralidade administrativa, extinguiu as sociedades que transacionavam com o funcionalismo público mediante empréstimos de dinheiro, com a garantia da consignação em folha, a juros judaicos de 1 1/2, 2% e mais ao mês, com a convivência do Estado, que fazia o papel de cobrador. Essa liquidação recebida, a princípio, com reservas pelo funcionalismo do Estado, somente benefícios trouxe à classe. E isto é tanto mais certo, quanto sabemos que sociedades havia com um ativo de Rs. 912:200\$900 para satisfazer obrigações num total de Rs. 2.699:199\$278. Por aí já podemos vislumbrar o futuro sombrio que estava reservado à essas sociedades, que operavam sem se preocupar quanto à formação de reservas técnicas, imprescindíveis à estabilidade de qualquer organização em espécie. A simples leitura do Relatório sobre o resultado da avaliação dos pecúlios assegurados, por morte, aos contribuintes das sociedades de previdência encampadas em virtude do Dec. n.º 124, de 4/6/38, convencer-nos-á de que a incorpo-

ração das sociedades em apreço, se impunha ao Estado como medida de ordem administrativa. Quanto à intervenção por parte do Estado, direta ou indiretamente, nas iniciativas de caráter público ou privado, em face das «crises econômicas» e dos «conflitos sociais», de que resultou o maior progresso das funções do Estado, no sentido de sua maior intervenção nos negócios, pondera o sr. Temístocles Cavalcanti que «esta intervenção tem-se exercido de maneira muito variada, desde a simples tutela e proteção dos interesses individuais, até a fiscalização da atividade privada naquilo que lhe é mais peculiar, e mesmo à substituição das iniciativas particulares, por órgãos especializados da administração pública». E para não referir somente às sociedades particulares, diremos que a encampação do Monte-Pio incorporou ao patrimônio do I. P. S. E. P. um «deficit atuarial» que monta a seis mil cento e dezessete contos de reis (6.117 contos). Como vemos, diante de tal situação, a interferência do Estado era plenamente justificável.

* * *

O critério adotado na distribuição dos bens das sociedades particulares incorporadas ao I.P.S.E.P., foi o mais equitativo possível. A Comissão Organizadora do I.P.S.E.P., na conformidade do que está prescrito na sua legislação, promoveu os balanços e apurações dos encargos das sociedades particulares incorporadas para efeito de liquidação; liquidou na ordem crescente dos valores e no prazo de 18 meses, os encargos constituidos pelo depósito de terceiros (títulos preferenciais), pagando o interesse de 2/3% ao mês enquanto retidos pelo I. P. S. E. P.; afim de apurar o valor real dos referidos títulos, procedeu o estorno dos juros recebidos anteriormente e não vencidos na data da incorporação; realizou a inscrição e o censo dos contribuintes obrigatórios, apresentando em seguida o relatório dos trabalhos realizados. Antes, porém, de qualquer outro intuito, procuremos dirimir esta controvérsia a respeito da conversão dos bens das sociedades particulares em pecúlio saldado, pelo I.P.S.E.P. Alguns associados, talvez por ignorância da situação financeira da sociedade a que pertenciam, queixam-se do fato de que tendo contribuído durante vários anos para formação de um pecúlio saldado de valor B, o I.P.S.E.P. só haja creditado um pecúlio de valor A. Este fato, como tantos outros, não ficará sem explicação. Ora, se ao contribuinte de uma sociedade X, o I.P.S.E.P. creditou uma importância A como pecúlio saldado e não a importância B que fôra prometida pela sociedade X, é porque o ativo líquido dessa sociedade X, apurado em balanço, era insuficiente para satisfazer ás suas obrigações. Portanto, o IPSEP creditou ao contribuinte da sociedade X o que a sociedade X deveria pagar ao beneficiário designado,

(Continua na página 25)

ARMAZEM DO CABOCLO

Casa fundada em 1841

IMPORTADORES, EXPORTADORES E RETALHISTAS
DE FERRAGENS

Cutelarias, artigos para agricultura, indústria e uso
doméstico. Armas de caça, tintas, óleos, pincéis,
vernizes etc. O maior depósito de ferro,
cobre, chumbo e outros metais

ALVARES DE CARVALHO & CIA, LTDA.

RUA DUQUE DE CAXIAS, 340, 350

Caixa Postal 165 Fone, 6225

RECIFE — PERNAMBUCO

Litografia — Fotolitografia — Tipografia —
Encadernação — Pautação

FUNDADO EM 1861

ESTABELECIMENTO GRAFICO

Drechesler & Cia.

Rua do Bom Jesus N.º 183

PERNAMBUCO

Caixa Postal 124

Endereço Telegráfico: "CERES"

Telefone N.º 9108

Códigos A B C 5.7H Edição e Ribeiro

PNEUS "BRASIL

100% NACIONAL

Os mais baratos Confortáveis

Dando maior quilometragem

Garantido por qualquer defeito de fabricação

"SEGURANÇA"

NQVO PNEU "BRASIL"

Construído sobre novos princípios de segurança.
Maior. Corre mais refrescado, porque seus expulsores de calor patentados (que não os tem nenhum outro pneu nacional) expelem o ar quente das lamas, causa de ruptura e estouros nos longos percursos
NOVA BANDA DE RODAGEM: — Serrilhada, mais reforçada 17,4% e com sulcos mais profundos proporcionando um considerável aumento de quilometragem ante-derrapante

FAIXA BRANCA: — De ambos os lados

Agentes distribuidores

JOSÉ T. DE MOURA & CIA.

PERNAMBUCO e PARAÍBA

PROPRIEDADES GERAIS DO SUBSOLO POÉTICO E AS
INCULTURAS FECUNDAS

LEDO IVO

(Continuação)

É uma coisa inegável: a chuva modernista adubou a literatura nacional. Foi simplesmente um movimento, como o surrealismo na França. Teve seus Cendrars, Cocteau, Eluard, Soupault, Vitrac, Aragons. A molecagem literária era intensa, porém serviu simplesmente para revisar valores, destruir sepulcros caiados, sacudir um pouco a preguiça intelectual. Foi o segundo Pedro Álvares Cabral — descobriu o Brasil, que cantou grosso na poesia, nas artes plásticas, no conto, nas tentativas de romance, porque o modernismo não nos forneceu nenhum exemplo frisante de romance, mas apenas experiências, particularmente as de Osvaldo de Andrade, algo de vivo e diferente em meio ao folhetinesco mal digerido de tanto romancista ruim de antes do modernismo. E o melhor é que o grande romance que o modernismo deveria nos oferecer, pertence ainda a Osvaldo de Andrade (a quem o integralismo muito deve, pois influenciou bastante a ficção verde profética do sr. Plínio Salgado), e está, há tantos anos, em preparo — o "Marco Zero". O movimento modernista foi um purgante que desembrulhou o estômago de nossa literatura, empanturrada de incultura, gramaticismo podre e metáforas. A aventura desses rapazes reunidos em São Paulo, como Don Quixotes que marchassem destruindo os moinhos da ignorância e apregoando o amor que voltavam à Dulcinea, del Toboso de uma arte nova, constitui a proclamação de nossa República literária, que, como a outra, foi feita sem perda de sangue. Foi um grande circo — cartazes pintados por Mafalda, Di Cavalcanti, Tarsila, Vicente do Rego Monteiro. Sanfona de Vilalobos. O "respeitável

(Continua na página 26)

Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigário Tenório, 95

Caixa Postal, 211

Telefone 9076

RECIFE

PERNAMBUCO

INSTITUTO DO CAFÉ EM PERNAMBUCO

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.

RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a juros baixos e longo prazo

Promove para seus associados a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUÊS DE OLINDA N.º 35

1.º ANDAR

RECIFE — PERNAMBUCO

LEÃO XIII E A ENCICLICA RERUM NOVARUM

Arnobia Tenorio Vanderlei

(Conclusão)

"Ninguem certamente, declara Leão XIII — é obrigado a aliviar o próximo privando-se do seu necessário ou do de sua família, nem mesmo a nada suprimir do que as conveniências ou decência impõem à sua pessoa: Ninguem com efeito deve viver contrariamente às conveniências. Mas desde que haja suficientemente satisfeita a necessidade e ao decôro, é um dever lançar o supérfluo no seio dos pobres.

É um dever, não de estrita justiça, exceto nos casos de extrema necessidade, mas de caridade cristã, — um dever, por consequência, cujo cumprimento se não pode conseguir pelas vias da justiça humana. Mas acima dos juizos do homem e das suas leis, ha a lei e o juizo de Jesus Cristo, nosso Deus".

Aqui surge uma questão: é de Justiça ou de Caridade a obrigação de administrar o supérfluo em benefício dos pobres?

Tomás Pegues — professor de "Santo Tomás", no Angélico, de Roma — diz que a afirmação de ser a aplicação do supérfluo em benefício dos pobres é de caridade e não de justiça estrita, não exclui toda razão de justiça nesta obrigação, que, ao seu ver, é de caridade e de justiça. Embora não o seja de justiça estrita, ela é de justiça social.

Falando ex-professo, na monografia sobre este assunto, publicada nas Melanges Mandonnet, C. Spicq sustenta, com abundância de argumentos, que, de acordo com Santo Tomás de Aquino, a função social da propriedade é obrigação de justiça para o proprietário do supérfluo. Também esta é a opinião do grande Caetano, que acrescenta poder o Estado constranger o proprietário a dar ao supérfluo a aplicação devida.

De Justiça ou de Caridade, não deixa de ser obrigação gravíssima. Os que violarem esse dever, repito palavras de Leão XIII, "têm de prestar, á justiça de Deus, contas rigorosíssimas do uso que hajam feito da sua fortuna".

Para os infratores, o esclarecimento da questão, se de justiça ou caridade, terá apenas o interesse de indicar-lhes o lado da grelha, em que terão de passar a sua eternidade.

Deixemos, por isso, aos doutos esta *quaestio disputata*.

Outra dificuldade ainda tem surgido. A de saber o que é o supérfluo. Saber o que sóbra ao proprietário, satisfeitas, de acordo com a condição e decência, as suas necessidades individuais, familiares e sociais.

Muitos fazem essa pergunta no tom, em que alguém indagou: que é a verdade?

Outros querem, para o seu governo, uma táboa de mandamentos com números à margem e formulas de farmácia, como aquêles cardápios norte-americanos que, ao lado de cada prato, indicam as vitaminas e as calorias.

Nem êstes, nem aquêles serão satisfeitos.

Os primeiros cristãos, porque tinham Caridade, sabiam o que era o supérfluo. Apesar de só possuirem pequenas fortunas, lançavam a sua riqueza no seio dos pobres e, lembra Leão XIII, entre êles não havia indigência.

A Caridade, a Caridade Cristã é o segredo da *Rerum Novarum*. Aquêles que apagarem a luz da Caridade que envolve todo o ensinamento do Papa, verão que a Encíclica fugirá das suas mãos como uma sombra.

Se as palavras pontifícias atravessam os tempos, elas o devem às suas ressonâncias sobre-naturais. A voz de Leão XIII se confunde com Aquela que exclama no Infinito: Bem aventurados os pobres, e os que não têm apêgo à riqueza, porque dêles é o reino de Deus.

Fixemos agora o conceito cristão da riqueza para ter uma como outra dimensão que dará maior relevo e mostrará, mais claramente, quais as relações que os ricos devem ter com os trabalhadores e com os pobres.

A Encíclica Quadragesimo Ano adiantou-se à *Rerum Novarum* no que diz respeito à Justiça Social. Trouxe novas precisões e abriu horizontes novos. Este estudo comparativo não cabe, porém, aqui.

O sentido cristão da riqueza tem sido o mesmo desde os antigos Fadres.

Numa linguagem cheia de expressão e colorido, São Basílio, Santo Ambrósio, São João Crisostomo sustentaram o mesmo que Santo Tomás de Aquino, com a sua exatidão e sobriedade.

A existência de pobres e ricos não é uma arbitrariedade no plano providencial. Cada uma dessas duas classes tem a sua função própria: O exercício das virtudes que a condição particular, de cada uma delas, mais frequentemente solicita. Existem, diz São Basílio, "para

que o rico se mostre depositário fiel e administrador liberal dos bens que lhes são confiados, e o pobre se mostre resignado e paciente, e assim ambos recebam na eternidade a sua recompensa".

O rico é, na doutrina tradicional da Igreja, o depositário e administrador do supérfluo em benefício do próximo.

"As coisas que possuímos em superabundância — são palavras de Santo Tomás — devemo-las por direito natural ao sustento dos pobres". (Sum. Theol., II.^a — IIa, qu. 66, art. 7).

A propriedade pode ser grande, ou pequena. Em tese é preferível a pequena propriedade. Nalguns casos, porém, a grande propriedade poderá atender melhor ao bem comum e às necessidades dos pobres. É preferível, por exemplo, fique um grande número de bens nas mãos de um só, que seja empreendedor e tenha qualidades de administrar e crescer, a dividir-se por muitos, incompetentes ou preguiçosos. A capacidade não se estabelece por decreto do Estado, seria portanto iníquo, contrário ao bem comum, fator de empobrecimento coletivo e privações principalmente para os pobres, se se desorganissem grandes empresas, tirando-as de mãos comprovadamente aptas, para as pulverizar em organizações sem viabilidade, entregues a mãos desanimadas.

A propriedade, como disse, pode ser grande ou pequena, mas numa ou noutra hipótese, o proprietário é obrigado a dar ao supérfluo uma aplicação em benefício do próximo.

O próximo do patrão é antes de todos, o operário.

* TRECHOS FINAIS DO DISCURSO DO SR. ARNOBIO TENORIO VANDERLEI, NA FRAÇA 13 DE MAIO. SOBRE: LEAO XIII E A ENCICLICA RERUM NOVARUM.

ABRA UMA CONTA DE PECULIO

NA

CASA BANCARIA
MAGALHÃES FRANCO

e pague os seus compromissos com Cheques

JUROS DE 5½ %

E

TALÕES DE CHEQUES

GRATIS

BANCO COMÉRCIO E INDUSTRIA DE
PERNAMBUCO

Avenida Rio Branco N. 155 — Recife

Endereço Telegráfico: CASAFORTE — CAIXA POSTAL 444

Telefones: GERÊNCIA: 9024-9058 — GERAL: 9085

Faz todas as operações do ramo bancário, oferecendo as melhores taxas do mercado. Aceita depósitos em:

CONTAS CORRENTES DE MOVIMENTO — CONTAS CORRENTES LIMITADAS

Depósitos Populares:

(C/Especial Econômica, juros de 6% limite 5.000\$000)

Depósitos a prazo fixo e pre-aviso, taxas especiais. Serviço eficiente de administração de bens;
Cobrança de alugueis, Juros de Apólices etc.

Ordena pagamentos por via telegráfica, via aérea ou marítima. Emite cheques sobre todas as praças do País

PROGRESSÃO DO MOVIMENTO DO BANCO:

31/12/36	31/12/37	31/12/38	31/12/39
11.146.934\$338	17.817.063\$479	23.631.408\$892	34.425.958\$307

(continuação)

HORACIO SALDANHA & Co.

IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA

SERVIÇOS MARITIMOS

End. Tele. HORACIO

CAIXA POSTAL 140

Avenida Marquês de Olinda, 143

1º ANDAR

TELEFONE 9144 — RECIFE

BANCO DO POVO

Diretores :

Alfredo Alvares de Carvalho, Dr. Severino Marques de Queiroz Pinheiro, Afonso de Albuquerque, Antonio Gaspar Lages e Antonio Martins do Eirado

Gerente : Miguel Gastão de Oliveira

Capital	1.000.000\$000
Fundo de Reserva	2.500.000\$000
Fundo para Integralização do Capital	350.000\$000
Lucros Suspensos	144.818\$350
Matriz : Carta Patente N. 1.529 de 21 de Junho de 1937	
Instalado em 27 de Abril de 1920	

Séde: Rua do Imperador, 494 (Ed. próprio) — Recife
Filial : João Pessoa — Escritórios em : Alagôa de Baixo
Pesqueira e Bezerros (Estado de Pernambuco)

**TECELAGEM DE SEDA E DE ALGODÃO
DE PERNAMBUCO S. A.**

(RECIFE — PERNAMBUCO)

A criadora e iniciadora dos tecidos de CAROÁ em Pernambuco, confeccionados com o mais perfeito fio desta fibra, de renome nacional

BRIM DE CAROÁ — BRIM DÉ UACIMA
BRIM DE CARRAPICHO — ESTAMPADOS "DERBY"

Para ser bom é preciso ter a marca T. S. A. P. — Para ser bonito, é indispensável a marca T. S. A. P. — Para ser durável, é ainda necessário que tenha a marca T. S. A. P.

Por tudo isto, conclui-se que para vestir com elegância e distinção, só com os tecidos T. S. A. P., cujos padrões são modernizados e de CORES FIXAS

As peças estão marcadas na ourela, com as iniciais da fábrica T. S. A. P.

intelectualidade. Ele foi um dedicado à sua arte e à sua tragédia. Fez do sofrimento o guia da sua musa e arvorou a dúvida como a origem de todos os seus males. Há na sua obra o embrião de um grande poeta naturalista e de um bom satírico e dizem que foi o introdutor, entre nós, do humour, essa quintessência de espiritualidade, tão difícil de exprimir. O homem brasileiro, que conheceria com proficiência os livros de todos os poetas modernos, desde Shakespeare, o maior herói dos Golden days, até Byron, foi um excentrico, que à maneira de Heine, ridiculariza-se a si próprio. Ler-lhe a obra é conhecer-lhe a vida. Nisso os românticos puros, aparte o pieguismo de certos mediocres, são coerentes. O tempo lhe foi escasso para escrever as idéias que lhe tumultuavam lá dentro. Sentindo a premente das horas, esse jovem, que raras vezes emendava, tinha uma caligrafia parecida com as dos escrivães da Justiça: ele próprio muitas vezes não a entendia... A lira dos vinte anos, que parece ter sido escrita de um golpe, pela espontaneidade que decorre de cada verso, é a parte mais recomendável da sua obra, aquela que justamente mereceu o olhar do autor. As demais poesias não sofreram a sua revisão. A sua obra como já se disse, não é original. Quais seriam as obras rigorosamente originais neste mundo? — Gonçalves Dias, mesmo, chegou a inspirar-lhe alguns versos. Mas não seria ele depois imitado por Castro Alves, essa "convulsão da natureza", no dizer de Griego? Até mesmo nos próprios nomes das suas heroínas? Consuelo, Teresa são nomes azevedianos... E a paixão pelos cabelos, pelos seios, pelos olhos, não são pontos de contacto entre os dois poetas? Álvares que aludira às "ardentias no mar" se veria repetido em Castro:

"o mar em troca acende as ardentes"

E assim em muitas outras ocasiões...

Álvares de Azevedo que, pela leitura assídua dos poetas ingleses, alemães e franceses trouxe à nossa literatura um novo cenário, libertando-nos da monótona influência lusitana, às vezes, se trai, demonstrando que não desprezara de todo Camões e Bocage, maximé a esse último a quem dedicou linda poesia. Os primeiros versos do "Poema do Frade", têm na verdade algo de camoneano...

Poeta da tristeza e do desalento, Álvares assim define a vida:

"A vida é uma comédia sem sentido
Uma história de sangue e de poeira
Um deserto de luz...
A escara de uma lava em crâneo ardido...
E depois sobre o lôdo... uma caveira,
Uns ossos e uma cruz!"

E a respeito da dúvida escreve.

"É a larva que aos lábios nos aperta,
Entre-abrindo o sudário!"

E sobre Deus:

"Crieiamos, sim ao menos para a vida
Não mergulhamos numa noite escura...
E não enlouquecer...
— Utopia ou verdade, a alma perdida
Precisa de uma idéia eterna e pura
— Deus e céu... para crer!"

No Poema do Frade, canto quinto, lêem-se estes versos, escritos por alguém que parece já viver no outro mundo:

"Era uma tarde, mas a chuva fria
Aos húmidos ciprestes gotejava,
Além da céu escuro o sol morria,
Como rola na terra a rubra lava...
E o vento além no farfalhar funéreo
Gemia no hervaçal do cemitério!"

VII

Era um canto sombrio!... era o coveiro
Que nas urzes, cantando, um fosso abria
E no lábio o sarcasmo zombeteiro
Na cantiga fatal estremecia!
Cantava e ria... e contração nervosa
Agitava-lhe a boca tremulosa".

(conclui no próximo número)

(1) "Da ventania, às rabidas lufadas,
A vida maldrei em meu tormento
— Que é falsa, como prostitutas lábios
Um ósculo visguento".

(Obras Completas, vol. III, pg. 18).

A CRIAÇÃO DO INSTITUTO DE PREVIDENCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO DE PERNAMBUCO

(Especial para «RENOVAÇÃO»)

Luiç de Magalhães Melo.

(Conclusão)

si o contribuinte viesse a falecer na data da incorporação e o pecúlio tivesse sido calculado atuarialmente. Do contrário, a satisfação total de um dos beneficiários, acarretaria prejuízo aos demais. Não cabe, como vemos, a responsabilidade ao IPSEP, sinão à sociedade X, cuja administração não soube ou não quis prever atuarialmente tais consequências. Casos há como o da funcionários M. L. de R. (Apólice n.º 0013), que tendo assegurado um pecúlio de 5:000\$000 na Sociedade Previdente dos Funcionários Públicos, habilitou-se com a sua incorporação ao IPSEP, a um pecúlio saldado de 12:919\$200. Vários contribuintes dessa sociedade estão habilitados a um pecúlio saldado superior àquele que fôra prometido. Também aqui não cabe a responsabilidade ao IPSEP, que na apuração e destribuição dos bens das sociedades particulares incorporadas ao seu patrimônio, desempenhou o papel de mero intermediário.

AS PERNAS DAQUELA MOÇA...

Conto de Hermilo Borba Filho

(Conclusão)

— Bom dia, seu Raimundo. Não é que o senhor tem palavra? Francamente, não o esperava mais diante da desculpa que o Marques nos deu pelo telefone dizendo que não podia aparecer.

— O Marques é assim mesmo, respondeu seu Raimundo para dizer alguma coisa.

— Trouxe o seu calção? Venha trocar de roupa. O senhor vai tomar banho com o Armando, eu, infelizmente, amanheci gripada e não poderei ir tomar banho de mar.

Seu Raimundo passou um dia incrível. Um dos dias mais amargurados de sua vida. Descobriu que Madalena (Madalena, aliás, não importava, o que importava eram as suas pernas) era casada, não pudera gosar do espetáculo inédito que se lhe ia oferecer no banho de mar e para cúmulo da má sorte a mulher passara o dia inteiro metida no diabo de um roupão que mal deixava os pés à vista. Um inferno!

Quando saiu da casa de Madalena, com a promessa de voltar outras vezes, estava como quem leva uma pancada forte na cabeça. Quasi não percebia o sentido das coisas. Passou a noite com febre. Delirou. E no seu delírio via as pernas de Madalena como se estivessem com elefantiasis, pequenas como se pertencessem a um anão, nunca, porém, como elas eram.

Desde esse dia seu Raimundo não mais passou pela calçada do Instituto de Contabilidade. As pernas de Madalena ficaram sendo para ele uma recordação, uma coisa longínqua com o passar dos dias, que ele gostava de recordar nas horas calmas da noite, quando se sentia só, tendo como único amôr, no seu passado sem história, aquelas pernas inacessíveis, aquelas pernas que agora eram quasi um símbolo do impossível, do nunca alcançado.

Construa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE

SA

CASA RELAMPAGO

Antonio Gonçalves da Silva

Especista em concertos de calçads por eletricidade, atendendo o frequês, em $\frac{1}{2}$ sola em 20 minutos!. Trabalhos perfeitos. Preços reduzidos.

— Pontualidade e sinceridade —

Rua Paulino Camara 66 -- Recife

MANTEIGA

PEIXE

É a rainha das manteigas.
Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas 70

Fone 6718

RECIFE

USINA ARIPIBÚ S. A.

Produção: 80.000
Sacos de Açucar

MUNICIPIO DE
RIBEIRÃO
PERNAMBUCO - BRASIL

USINA SERRO AZUL

José Piauhylino Gomes de Mello

PRODUÇÃO:

70.000 sacos de açucar
300.000 litros de alcool
potavel

Dispondo de ótimo e
moderno aparelhamento

PALMARES - PERNAMBUCO

PROPRIEDADES GERAIS DO SUBSOLO POÉTICO E AS
INCULTURAS FECUNDAS

Lêdo Ivo

(Continuação)

público" saiu da boca de Graça Aranha. Muitos clowns de sucesso: Antônio de Alcantara Machado, o vôo folha seca de Osvald de Andrade, Mário de Andrade equilibrado numa corda bamba, bem no alto, e muitos outros. Houve algumas penetras, como Menotti del Picchia, menino dos olhos de Júlio Dantas, o alambicado sinistro tão neris tupiniquins como Delly, porém de modo geral deu certo. Plasmou nossa primeira manifestação vital de inteligência, firmada nas relações do post-modernismo, em que tivemos um "Angústia" do sr. Graciliano Ramos, um "Jubiabá" do sr. Jorge Amado e, em outro plano, um "Fronteira", do sr. Cornélio Pena, um "Salgueiro", do sr. Lúcio Cardoso, afirmações de romancistas, sem esquecer, no entanto, "Território Humano", do sr. Geraldo Vieira, "O inútil de cada um", do sr. Mário Peixoto, "Mundos Mortos" (prelúdio dum concerto sinfônico romântico), do sr. Otávio de Faria, "Calunga" do sr. Jorge de Lima (cujo "O Anjo" abriu à agitação da arte modernista uma vereda para o eterno), sem esquecer o conto e o romance de Marques Rebelo, algumas obras que deixo de citar porque todo mundo cita, outras porque não merecem, fôram simplesmente fogo de artifício. O teatro nos deu pouca coisa de aproveitável, porém cumpre destacar as peças de Osvald de Andrade, principalmente "A Morta". Depois do modernismo foi que tivemos provas de trabalho mental, de pensamento e segurança, destacando, em meio às outras, a figura do sr. Tristão de Ataíde, primeiro de aula num colégio de malandros, um dos raros exemplos de seiva literária, visão segura dos nossos problemas mentais e compreensão de nossos êrros. E falo também do Tristão que abandonou a crítica de disponibilidade para defender uma nova ordem intelectual, numa renúncia das mais belas que tivemos na história literária "subterrânea" do Brasil.

Foi assim o modernismo: um circo de acrobatas intelectuais, aonde não faltaram palmas e vaias. Os circos não envelhecem — são eternas crianças. Assim aconteceu. O sr. Tristão de Ataíde chegou mesmo a notar no movimento ausência de sofrimento, de dor. Tratou-se de um divertimento de nossa adolescência mental. Alegria, esculhambação, gritos. Os modernistas nos deram, como o camelô do poeta, uma lição de infância. Tiraram a prova dos nove de nossa inteligência. É verdade que muita gente se aproveitou do modernismo para chantages, até gongoricos pintaram a derruida fachada mental com a tinta berrante do modernismo, porém é preciso dizer que em todas as coisas humanas estão os mal-intencionados e quando há baile em uma casa muita gente entra sem ter sido convidada e ainda arranja uma intimidade horrorosa com os donos da casa. São as penetras.

Temos ainda a acentuar que o modernismo grassou direitinho a febre amarela, sendo esta verde-e-amarela. Ficou sendo moda, neurose coletiva. Os velhos que combatiam o troço ainda facilitavam mais, querendo esmagar tudo numa linguagem avacalhada, desarazoadamente. Resultado: formou-se o sub-modernismo, parente pobre do outro. Os Bretons nativos punham as mangas de fora. Vinham até do alto sertão, o porque-me-ufano-do-meu-pais latejando dentro do peito. Julgavam-se altos como arrôto de aviador. Deu em nada esse pseudo-modernismo provocado; chuva de verão, sem nenhum efeito, pois as árvores que estavam nascendo traziam a marca do adubo gostoso daquela outra chuva tempestuosa e violenta, verdadeira chuva de pedras.

(Conclui no próximo número)

Impressa
nas oficinas
gráficas do
Diário da
Manhã

GRANDES FABRICAS “PEIXE”

PESQUEIRA
BEZERROS
AREIAS
RECIFE

Filiais em SÃO PAULO E RIO

FABRICANTES DA GOIABADA MARCA
“PEIXE”

DETENTORA DESDE DE 1897, DO PRIMADO DA QUALIDADE,
E DO EXTRATO DE TOMATE MARCA “PEIXE”

SUPERIOR AOS SIMILARES ESTRANGEIROS, O MAIS BARATO E O MAIS
ECONOMICO. OS PRODUTOS PEIXE SÃO DE ABSOLUTA CONFIANÇA
EXIJAM-NO DO SEU FORNECEDOR.

A VENDA EM TODAS AS BÔAS
MERCEARIAS

Carlos de Britto & Cia.

ESCRITORIO CENTRAL -- AVENIDA CLETO CAMPELO 532 à 560

RECIFE —

PERNAMBUCO



N.ª S.ª DA ASSUNÇÃO

GRAVURA EM CORES DE MONTEIRO (V. DO R.)